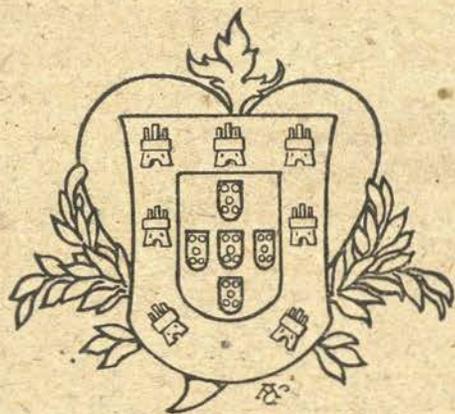


ABR 1917

21 a 2
1917

TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA



LISBOA
Na Oficina do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24.
MCM XVI

SUMÁRIO

N.os 21 a 23 — OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1917

	Pag.
Do Alentejo — III — Jaezes ornamentados (Beja) — <i>D. Sebastião Pessanha</i> ..	177
«Atafal» alentejano (Beja) — Pastel de Antonio Carneiro (em folha solta).	
O Çapateyro de Trancoso — <i>Dr. Severo Portela</i>	180
Scenas da Vida Portuguesa (Fim do seculo XVIII) — <i>Luis Keil</i>	182
I — «Manière de porter les barriques de vin» e II — «L'Enfant Jesus» — Aquarelas de <i>Zacharie Felix Doumet</i>	183
A Sé Velha de Coimbra — <i>D. José Pessanha</i>	184
III — «Les approches de la Noël» — Aquarela de <i>Zacharie Felix Doumet</i> ..	192
O Carro Rural Português — I — <i>Dr. Vergilio Correia</i>	193
A Feira da Rosa (Minho) — <i>Alfredo Guimarães</i>	209
Lusitanos fóra da Lusitania — <i>Dr. A. Mesquita de Figueiredo</i>	213
As tecedeiras de Arneiroz (Lamego), — <i>Vitor Oliveira</i>	217
O Templo dos Siglas — A Igreja da Ermida do Paiva — <i>Dr. Aarão de Lacerda</i>	220
A Soberania do Bombo — <i>Dr. Veiga Simões</i>	225
Bartolozzi e Benjamim Comte (Documentos para a historia da gravura em Portugal) — <i>José Queiroz</i>	227
Notas: 1. ^a) Lenços marcados — <i>S. P.</i>	179
2. ^a) Arte Espanhola	216
3. ^a) O Paleolitico Português — Descobrimientos — <i>V. C.</i>	224
Cronica: Antonio Carneiro; Duas Conferencias Etnograficas; Livros: <i>Etnografia</i> por T. de Aranzadi e L. de Hóyos Sainz — <i>El Santuário Ibérico de Castelar de Santisteban</i> , por Raymond Lantier — <i>Yacimiento prehistorico de las Carolinas</i> , por H. Obermaier — <i>Los Grabados de la Cueva de Penches</i> , por E. Hernandez-Pacheco	229

ASSINATURAS

(Pagamento adeantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

PORTUGAL	1\$20	ESTRANGEIRO	7 frs.
AFRICA E INDIA	1\$40	BRAZIL	7\$00

Preço d'este numero: \$60

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO: VERGILIO CORREIA	EDITOR E PROPRIETARIO: D. SEBASTIÃO PESSANHA	DIRECTOR ARTISTICO: H. SANTOS JUNIOR
ANNO 2. ^o —N. ^{os} 21 a 23	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua Rodrigo da Fonseca, 53—Lisboa Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24—Lisboa	OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1917

DO ALEMTEJO

III

JAEZES ORNAMENTADOS

(BEJA)

Ao pintor Antonio Carneiro



ISTA do môrro de Beja, a campina baixo-alemtejana ostenta toda a sua estranha belleza.

Parece que um grande mar, levemente ondulado, se estende a nossos pés: são longos trigaes onde o sol põe tons de oiro; è a charneca enorme, sem fim, correndo para o sul.

E como é bella essa charneca virgem, que a mão do homem ainda não tocou!

Ha campos de rosmaninho perfumando o ar; estevas e cardos em flôr; azinheiras que em vão supplicam agua; loendros a espreitar das vallas; «montes» perdidos na immensidão do matto. De longe, veem sons tristes de chocalhos e vozes de «maioraes» gritando ao gado.

E esta mesma paisagem de recolhimento, que domina e prende, alarga-se lá fóra, já para os lados de Castro e d'Almodovar, corre tudo, vae do mar ao Guadiana e funde-se no horizonte, n'uma larga e tenue mancha roxeada.

Em contraste com tanta vastidão, o velho burgo, fugindo á planicie, todo se comprime no seu planaltosinho acastellado, que a casaria branca faz parecer, visto a distancia, em dias soalheiros, um monte de prata reluzente.

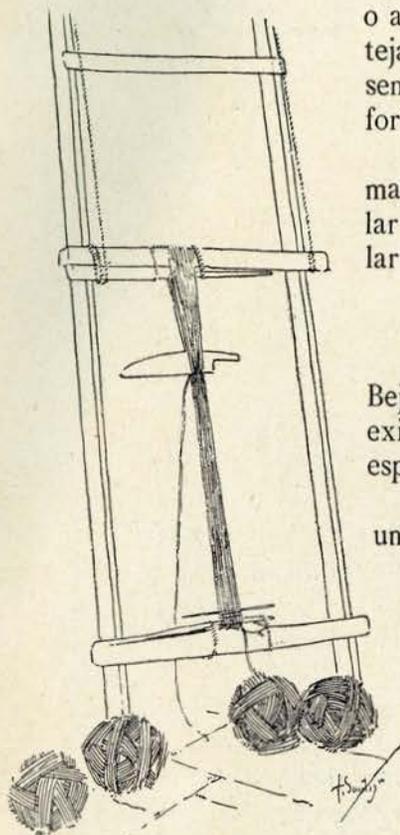
Embora sem os grandes monumentos da historica Evora, na capital do Baixo-Alemtejo não faltam tambem vincados traços do passado, restos de maior grandeza, usos e tradições de epocas distantes. A cada passo topamos com elles: portas ogivaes, que atestam a antiguidade de casinhas mais tarde modernizadas; janellas rendilhadas, da nossa Renascen-

DO ALEMTEJO

ça, esculpidas em granito; ferros trabalhados por mãos de artistas; rotulas e adufas discretas; ruelas estreitíssimas, por onde mal cabe um carro (1); nichos e «passos», cujas candeias, accesas ás Trindades, almas crentes se incumbem de alimentar.

Julgamos ter retrocedido alguns seculos, tão completo é todo o ambiente d'essa vida, recolhida e simples, que caracteriza o alemtejo; tão forte é o poder evocador das coisas velhas, quando as sentimos; tão vivas são, ainda hoje, as reminiscencias d'uma raça forte e altiva.

Referi-me já (2) áquelles Christos, toscamente talhados em madeira, que nos lembravam esculpturas goticas; venho agora falar dos jaêzes ornamentados — a mais interessante industria popular do Baixo-Alemtejo (3).



TEAR VERTICAL

Ao passarmos na rua de Mertola — uma das principaes de Beja — chamam-nos a attenção as duas lojinhas de correeiro alli existentes, o seu aspecto garrido, o cheiro intenso do coiro e do esparto, o som secco das espadelas batendo as teias.

Entramos n'uma, ao acaso. Todo o interior está cheio como um ovo.

Nas paredes, encostam-se cinco teares, d'um typo curio-sissimo (4), para tecer cilhas e «atafaes» (5), e penduram-se as mil differentes peças para ajaezar as bestas de puxo e de cavallaria; n'um canto, estão arrumadas uma roda de torcer e uma dobadura de ferro; por toda a parte, juncando o chão de tijoleiras irregulares, saccos com novellos de fios a empregar e grandes ceiras do Algarve, ainda por abrir; a um lado, em prateleiras, vêem-se rolos de coiros e pilhas de canhamço; cobrindo o tecto, meadas de cordas de toda a especie, enfiadas de chocalhos das Alcaçovas, guisos e campainhas,

correame e pelles de cabrito e de raposa, para xaireis.

Sentados em cadeirinhas pintadas, todos trabalhavam, homens e mulheres, cada um no seu ramo do officio — tecendo, cosendo, talhando ou bordando.

(1) Lembro-me, a proposito, de ter visto em Beja, ha poucos annos, na cocheira de um alquilador, duas curiosas calexas do principio do seculo passado, já adulteradas, mas mantendo ainda um certo ar de nobreza. Poucos mezes antes, tinha eu admirado outras duas, na Guarda, tambem da mesma epoca e cujo dono nem mesma as recolhia do tempo... Pobres ruinas!

(2) *Terra Portuguesa*, vol. I, pag. 49.

(3) Em Extremoz, igualmente trabalham neste genero de jaêzes, mas não sei se com variantes apreciaveis.

(4) Devo o desenho de um d'estes teares á amabilidade do sr. dr. Vergilio Correia, que breve publicará, n'esta Revista, um estudo sobre o tear manual em Portugal.

(5) Cintas do jaêz que seguram a albarda, passando por detrás das pernas e pela anca do animal.



«ATAFAL» ALENTEJANO (BEJA)
(Pastel de Antonio Carneiro)

DO ALEMTEJO

Comecei, então, observando, um a um, os productos curiosissimos d'essa arte, que em tudo se nos revela de tradição mourisca: no gosto archaico da decoração, na côr e na sumptuosidade.

Eram cabeçadas com os «arcos» e os «entre-olhos» bordados a lã de camello e a trama, sobre fundos de flanela vermelha, e com os «pendões» cahindo das «testeiras», tudo guarnecido a pello de texugo; «cabrestos» franjados, como usam os ciganos, ou tecidos com «estiva» (trama) de lã, de côres caprichosamente combinadas; «travessas» do mesmo genero; «atafaes» de varios typos, uns mais, outros menos, luxuosos, simplesmente de juta, ou forrados de carneira, com suas franjas e cordões, as «butanas» recortadas e seus bordados em zig-zag; «peias» de lã entrançada, de duas côres — verde e vermelho, amarello e rosa, azul e amarello; «barrigueiras» de linho e lã castanha, lembrando tiras de mosaico; «mulins» (coalheiras) sementeados de borlas; «garupas» de pelle de cabra, encharneiradas; «laticos» de cairo e de esparto, e muitos outros pertences de menor importancia.

Um colorido soberbo palpitava em todo este vasto mostruario regional; opulencia e fausto illuminavam essa officinasinha modesta, onde só a tradição guia o artista.

O maior luxo está nas cabeçadas e, mais ainda, nos «atafaes», alguns d'elles riquissimos, como o eram, decerto, no seculo xviii, aquelles que Fr. João Pacheco nos descreve guarnecidos com «fiadilho» (retroz baixo), ou bôrra de seda.

N'uma casa fronteira, um velhote enchia de palha de centeio os «arcos» e as «almofadas» dos mulins, e esses albardões enormes, forrados de grossaria, e já não de «almáfega» (1), depois basteados, rebordados de carneira e providos de «testeiras» de pelle de ovelha, para os resguardar do roçar constante das redeas.

Na arte de ornamentar os jaêzes do gado, quasi só temos a considerar o trabalho dos correeiros alemtejanos — extinto, em Arrayollos, o uso de os bordar a lã, como os enxalmos, e despidas de valor artistico as applicações de metal com que hoje, em Lisboa e outros pontos do paiz, costumam guarnecê-los (2).

Esta, como tantas outras recordações do passado, guardou-a carinhosamente o Alemtejo, em tudo grande e rico, em tudo inspirado e bello.

D. SEBASTIÃO PESSANHA.



LENÇOS MARCADOS

Na pittoresca região amarantina, tão cheia de interesse ethnographico, tambem os lenços marcados teem, ainda hoje, grande voga. Ha-os, alli, de todos os generos, desde os mais modestos até aos mais ricos. N'alguns dos que recolhi nos mercados semanaes de Amarante e de Penafiel, lêem-se phrases como estas: *Ço tu es o meu amor, sou teu amor.*

Outros, de cantos bordados a cheio, com ramos, açafates floridos, corações e chaves, passaros esvoaçando e disticos symbolicos, ostentam as seguintes quadras:

*Aseta este len
so rico amor
limpa teu ros
to bonita flor.*

*Purti suspiro
Purti dou ais
Purti não poso
Suspirar mais.*

*Meu amor
Meu rico bem
So ati amo
Mais ninguem.*

Quanta poesia e simplicidade transparecem do lenço popular!

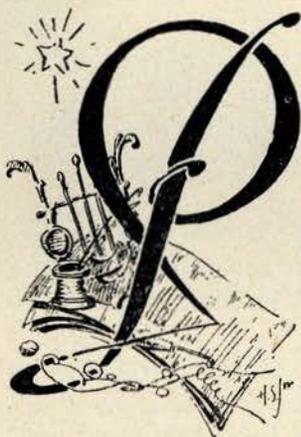
S. P.

(1) Tecido grosseiro, da lã mais baixa, com que no seculo xviii se forravam as albardas.

(2) Raros casos, localizados em regiões do norte, serão, mais tarde, objecto d'um estudo especial.

O capoteiro de Francisco

«Oh quem tivesse poder
Para dizer
Os sonhos que homem sonha !
Mas hei medo que se me ponha
Gran vergonha
De m'os não poderem crêr...»



PARA um povo que cogita d'alto, enumerando em sua ancestralidade magos e santos, heroes e cavaleiros, nautas e trovadores, tudo quanto undivague em luars de misterio, tudo quanto sobrenade em penumbras de sonho, tudo quanto fosforeça em nevoeiros de legenda, lhe assume facies de vida quotidiana, sem embargo do quanto um tal sestro se nos antolhe deslocado no tempo e no espaço. Por sobre a esteril metafisica critica dos eruditos, as lendas tradicionaes resistem, toda a vez que adreguem de fluir ao vize da corrente que estructura a natureza emocional da raça e, caldeadas de geração em geração, eil-as sempre abrolhando mais belas e mais nobres, nas horas turbidas que tetanizam a grey, a servirem

como lumieira de esperança rehabilitadora...

Vá, todavia, evocar os chascos mofinos com que os espiritos fortes de zoilos agua-chilra enristaram contra o sebastianismo, espreitando nele tão somente a urdidura externa, gafada de ridicularias de opera-bufa e cavalhadas. Vá, entretanto, evocar o que ahi foi de trambulhar risoteiro, a quando Oliveira Martins deu rebate na sobrevivencia da genese dita messianica, relegada agora ainda por gentes sizudas — e que sizo . . . — para malsinações parvôas, a siflarem contra o criterio do historiografo. Lenda ou mito, milagre ou profecia, tocados da mão providente ou vinculados da fabula, ah ! dos miserrimos povos que na arcasanta da tradição não preservem divinizadas as origens de que promanaram como o mais solene pergaminho a justificar-lhes a existencia perduravel!

Os cancioneros como as sagas, as sagas como os lidens, convocam-se por intercadencias sucessivas de epochas mais ou menos descerzidas entre si, mas adicionando-se para a formação das epopeias — o ne varietur do raconto



O ÇAPATEYRO DE TRANCOSO

historico, — sendo de admirar como, em regra, elas todas se embuem no maravilhoso e no sagrado, fecundamente se dilatando para alens tangentes á alma de que brotaram em transes bemitos de profundas emotividades.

O sebastianismo, a feição mais ingenua e, por isso mesmo, a mais palpitante da nossa fé civica, não sossobrando nunca nos pélagos que o scepticismo por mãos de megera lhe andou a excavar hontem como hoje, é em seu transumpto uma flôr candida de poesia e de ideal cujo perfume enternece o coração lusiada. Dil-a-heis turgida de quimera, apodál-a-heis de perigrina, semelhar-se-vos-ha uma variante peca do messianismo, escaparate lunatico colmando pelos seculos fóra desastres e naufragios dos quaes o menor mal foi a morte? Embora! Embora!

Exilado no seu edenico pomar, sob o azul cristão, o portuguez, mal em areias de oiro encalhou o galeão airoso da descoberta, vá de lançar-se, descartando melopeias, á rabiça do arado. Refractario por estiradas décadas a outras comoções que não as que a natureza jocunda fez borbulhar do religioso ambito onde, com ternura, a sorte o circunscreveu, a saudade coeva marca-lhe fisionomia peculiarissima. Os processos agricolas, ainda hoje por alguns pontos de Traz-os-Montes e das Beiras mantendo a rotina, testemunham para o etnografo a persistencia renitente de qualidades a serem tidas como notabilissimas no character do povo lusiada, defendendo-se por instincto de suzeranias e assedios que lhe interrompam os elos duma cadeia archi-secular. Como, por conseguinte contestar que ainda, por qui por lêm, causalmente, sobreviva o sebastianismo, e de Trancoso o Çapateyro, resurja a ministrar-nos feição messianica, sobretudo na quadra em que por todo o orbe empenhado vae o quer que seja baço, para lá dos confins da razão natural!? Para todos os lances em que colide a abnegação da raça intervindo, ha sempre a invocação das figuras supremas — e o sebastianismo, projectando-se na lenda como sombra de pensar colectivo, acode estilizando o sentimento ingenuo. Eil-o:

I

*Em mil novecentos e dezaseis,
Portugal não se entende.com as leis.*

II

*Em mil novecentos e dezasete,
Portugal dará cuidado a quem compete.*

III

*Em mil novecentos e dezoito,
Portugal terá coito.*

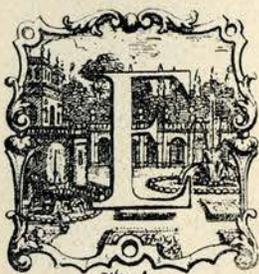
Excerptados da tradição oral, não mais longe que o termo de Lisboa, considero os dísticos transcriptos como sendo um expressivo comentario ao desideratum do prelio em que o nosso sacrificio coopera, quer longe da patria, quer até dentro dela mesmo. De concordar hemos, portanto, que a alta figura de Gonçalle-Annez Bandarra se nos revela, desta feita, não menos amavel, não menos tipica, do que sempre o foi ao longo da sua existencia eterna de misterio e de profecia ...

Agosto de 1917.

SEVERO PORTELA.

SCENAS DA VIDA PORTUGUESA

(FIM DO SECULO XVIII)



ENTRE as folhas de um album antigo encontrei, desenhadas e aguareladas por Zacharie Felix Doumet, algumas interessantissimas representações de episodios da vida portugueza do fim do seculo XVIII.

Como pôde este pintor estrangeiro observar com tamanha justeza o meio português de então?

Zacharie Felix Doumet, filho de Gaspar Doumet, *mestre-pintor do rei*, nasceu em Toulon a 4 de Dezembro de 1761. Aprendeu com seu pae e foi admitido como *pintor de marinhas* no Arsenal da cidade, onde se conservou até aos graves acontecimentos que destruíram parte da povoação e o proprio Arsenal. Emigrou então para a Corsega, e, tres anos depois, para Portugal, conseguindo empregar-se, em Lisboa, numa das repartições do Real Corpo de Engenheiros. Voltou a Toulon em 1806, e faleceu em Draguignan em 1818, com 57 anos de idade.

Doumet pensava decerto publicar um livro de memorias ou de viagens, ilustrado com os seus desenhos. Nesse intuito coligiu os quadrinhos que agora se publicam, e que estão preparados para a reprodução em gravura a côres, com as respectivas cercaduras, numeração, legendas e assinaturas, ao gosto da epoca.

Os seus desenhos são tratados como miniaturas, com uma delicadeza assombrosa de promenores. O antigo pintor do Arsenal denuncia-se na reprodução das náus, dos barcos, das nossas muletas, etc., não faltando nas aguarelas, apesar das suas dimensões restritas, o mais insignificante detalhe de arquitetura naval.

As figuras são cuidadosamente entrajadas, denotando as atitudes e as côres uma observação atenta e alegre, melhor revelada na ironia leve com que alguns episodios populares são tratados.

As gravuras que acompanham estas notas, representam: a primeira, quatro *mariolas*, transportando uma pipa «a pau e corda»: a scena passa-se no Caes do Sodré, divisando-se no Tejo, á esquerda, uma náu portugueza, e á direita, entre outros barcos, uma fragata inglesa. A segunda mostra-nos o *preto andador*, de opa azul e branca, dando o *Menino Jesus* na sua maquineta de vidro e flores de talco, a beijar a uma mulher de lenço e capa de ramagens, enquanto o marido, official de linha, esportula a respectiva esmola.

Na ultima (pag. 192), a que Doumet intitidou «as vespersas do Natal», notam-se pequenos aspectos da vida das ruas, carateristicos da epoca do ano a que aludem.

Num grupo, mulheres de capote vermelho ou vasquinha debruada e lenço branco, e homens de bicorne, vestia ou gabão, abrigados por um chapelão de mercado, cinzento, vendem queijos, laranjas e ovos. Mais adeante, uma outra vendedôra acocóra-se junto do seu cesto, perto de um perú enfatuado. Outros galinaceos espalhados pelo quadro esperam descuidosamente o dia do sacrificio.

Ao fundo, um preto velho, de opa, vara e maquineta, talvez o mesmo da aguarela anterior, segue na sua faina de andadôr, pedindo para o Menino a um «homem de ganhar» que vae passando.

LUIS KEIL.

SCENAS DA VIDA PORTUGUESA



Zacharie Felix Doumet

I — MANIÈRE DE PORTER LES BARRIQUES DE VIN

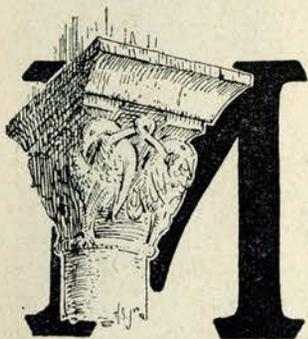


Zacharie Felix Doumet

II — L'ENFANT JESUS

A SÉ VELHA DE COIMBRA (1)

A Antonio Augusto Gonçalves



MULTIPLAS e poderosas causas concorreram para o assinalado progresso da civilização peninsular depois do seculo xi, avultando entre ellas as influencias estrangeiras.

Rainhas, prelados, monges de Cluny e de Cistér, cavalleiros das ordens militares de Jerusalem, cruzados, peregrinos que o famoso santuario de Compostella attrahia — taes foram os agentes dessas influencias, que, por outra parte, relações intellectuaes e mercantís grandemente favoreciam.

Uma das manifestações dêsse influxo externo é a importação da architectura romanica, de origem franceza, e caracterizada pelo emprêgo da abobada.

A interferencia dessa arte estranha veio interromper a evolução da architectura visigotica, tornando assim impossivel a plena constituição de um typo caracteristico, peninsular, que se esboçava já.

Entre nós, como é natural, os monumentos romanicos abundam na região de Entre-Douro-e-Minho, tão cedo reconquistada, — embora muitos delles sejam humildes igrejas ruraes, de extrema singeleza, quer na estrutura, quer na ornamentação e, até, não abobadadas; — são menos numerosos na zona central do país, e desaparecem quasi completamente para o sul do Tejo. Os monumentos hispanhoes, — Sant'Iago de Compostella, Santo Isidoro de Leão, as sés de Lugo e de Tuy, etc., — representam o traço-de-união entre os monumentos francezes e os nossos.

Actualmente, o mais completo e, depois dos trabalhos de reintegração ha poucos annos levados a cabo sob a direcção de Antonio Augusto Gonçalves, o mais uno, o mais puro, dos grandes monumentos romanicos portuguezes é, sem duvida, a Sé Velha de Coimbra.

Della, como de todos, ou quasi todos, os velhos templos medievaes da nossa terra, affirmavam antigos auctores, e referia a tradição, ter sido edificada pelos moiros, para mesquita. Houve tambem quem a considerasse obra dos reis visigodos. Os caracteres artisticos do celebre monumento levam-nos, porém, a collocá-lo sem hesitação no estylo romanico e a attribuí-lo ao seculo xii. Ao claro depoimento das pedras junta-se neste caso (o que nem sempre succede) o depoimento dos pergaminhos, porque um documento registado no precioso cartulario conhecido pela designação de *Livro Preto* mostra-nos que, no tempo do bispo D. Miguel, que governou a diocese desde 1162 até 1176, se trabalhava intensamente nas obras da Sé, com a intervenção dos architectos Mestre Bernardo, Mestre Roberto, que, de Lisboa, por quatro vezes foi a Coimbra, e Mestre Sueiro, que succedeu a Mestre Ro-

(1) Escrevi já dêste monumento. Fi-lo, porém, no decurso de ferias, longe de grande parte dos meus livros, cadernos de apontamentos e photographias, e em circunstancias taes, que foi mister imprimir o artigo antes de serem recebidas na officina typographica as provas que eu revíra. Dahi, lacunas e incorrecções. Volto por este motivo ao assumpto — agora, que estou cercado de todos os elementos de estudo e que, em duas longas visitas ao famoso templo (14 e 15 de outubro de 1917), pude completar as notas que, anteriormente, havia tomado.

A SÉ VELHA DE COIMBRA

berto. A inscrição arabica insculpida num silhar collocado a grande altura da parede septentrional (inscrição que não foi ainda satisfatoriamente interpretada) bem pôde haver sido obra subrepticia de algum artifice moiro, que na construcção do templo trabalhasse. E' possível tambem que esse silhar fosse aproveitado de outro edificio, do tempo do dominio mahometano. Seja como fôr, de nenhum modo pôde essa enigmatica legenda invalidar as conclusões a que nos leva, com absoluta segurança, o exame dos caracteres estructuraes e decorativos do monumento.

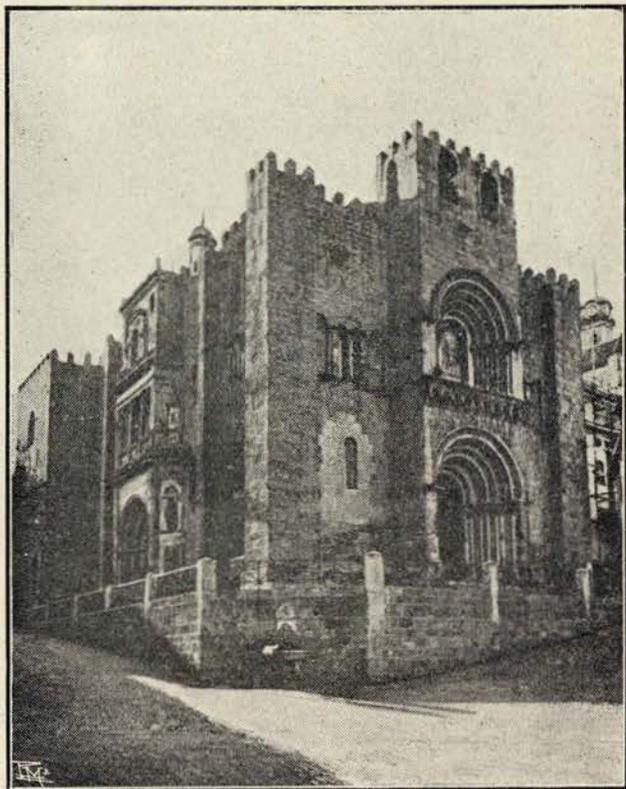
Coroadada de ameias, como um bastião, a vetusta Sé conimbricense ergue-se a meio da escarpa em que, dominando o Mondego, está edificada a nobre cidade universitaria, que, pelo seu passado, tão rico de lendas poeticas, de tradições, de recordações historicas; pelas preciosissimas obras de arte que ainda hoje a ennobrecem; pelo doce e penetrante encanto da melancholica paisagem que a cêrca, é, sem duvida, uma terra de eleição, um dos *logares santos* da nossa patria.

Transposto o *Arco de Almedina* (uma das portas da antiga cêrca da cidade) e vencido o aspero *Quebra-Costas*, eis-nos em face do evocativo monumento, de tão austera mas impressionante belleza, onde Herculano faz passar a acção do seu bello conto, *O Bispo Negro*, e que de tantos successos notaveis da nossa historia foi theatro.

Olhando o poente, porque uma disposição liturgica determinava que o sacerdote officiasse voltado para o oriente, a fachada, que dois contrafortes de secção quadrangular limitam, compõe-se de um corpo central e dois lateraes, reintrantes.

Abre-se naquelle o portal, formado de uma serie de archivoltas concentricas, de raio decrescente do exterior para o interior, ás quaes correspondem outros tantos columnellos, de capiteis e fustes lavrados. Sobrepuja-o uma ampla janella, que é como que a repetição d'elle. Suppõe o dr. Augusto Filippe Simões que esse portal, como tantos outros de igrejas romanicas e ogivaes, tivesse um tympano esculpturado, porventura semelhante ao da contemporanea igreja de S. Christovam, demolida em 1860, no qual, segundo era frequente, avultava o *Agnus Dei*. A observação attenta dêsse elemento da fachada não confirma, porém, tal conjectura.

Entre a porta — obra de mestre Roberto — e a janella, corre,

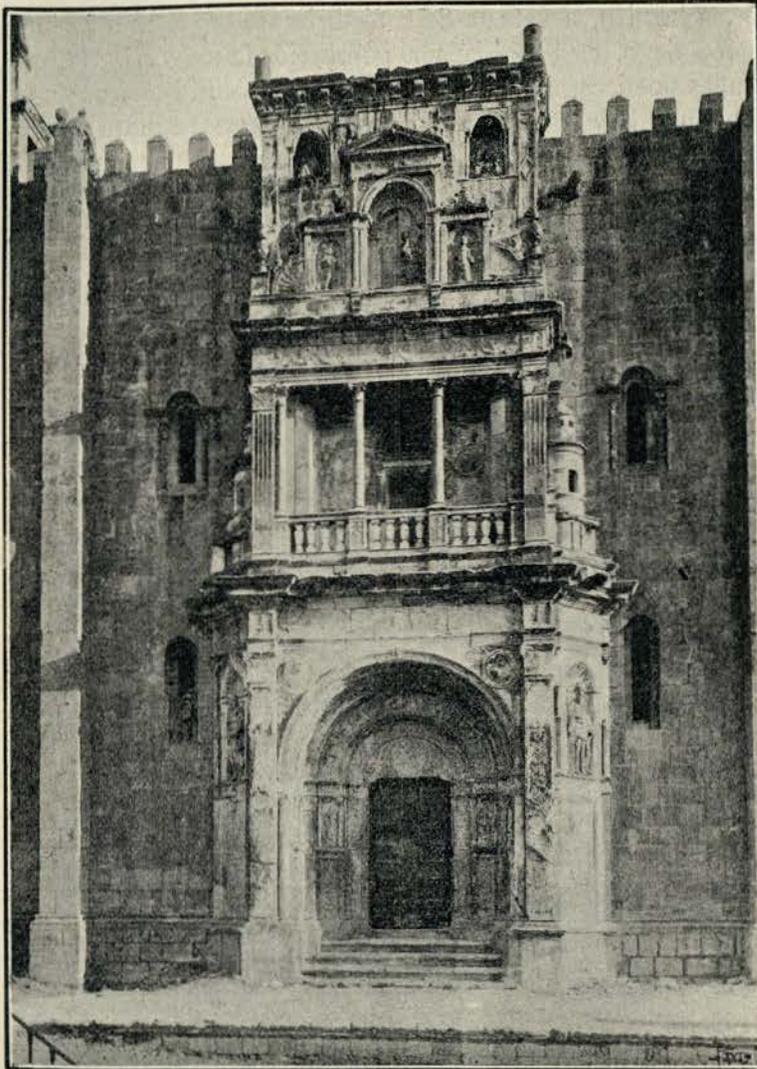


FACHADA PRINCIPAL.

A SÉ VELHA DE COIMBRA

apoiada em arcaturas, que, por sua vez, se estribam em cachorros, uma cornija, sobre a qual um anteparo de pedra de Ançã, em losangos, — talvez do seculo xvi, — constituiu, até ha pouco, improprio resguardo á majestosa janella romanica.

Nos corpos lateraes, vêem-se, inferiormente, breves frestas de volta perfeita, que, nos fins do seculo xvii, haviam sido convertidas em amplas janellas de lintel semicircular, e que a ultima restauração sensatamente restabeleceu, e, na parte superior, entre arcaturas,



PORTA LATERAL

janellas duplas. Remata o corpo central uma sineira, de recente data (1839). A torre dos sinos, demolida no seculo xviii, erguia-se do lado do sul, separada do templo e com acesso pelo claustro.

Observemos, agora, a face do norte. Reforçam-na gigantes espaçados e não muito salientes e valoriza-a uma elegante portada, — a *Porta Especiosa*, — no estylo do Renascimento, sobreposta a uma porta e janella de estylo romanico, semelhantes ás da fachada principal, embora mais singelas. Atribuida, infundadamente, ao celebre João de Castilho, essa elegantissima portada, do começo do seculo xvi, acha-se hoje sensivelmente damnificada, em consequencia da natureza do material escolhido, — o brando e alvo calcareo de Ançã. Entre dois falsos arcos, outra porta, da Renascença tambem, existe ainda nessa fachada, mas muito mais simples: — a *Porta de Santa Clara*, na extremi-

dade septentrional do transepto, que é de crer viesse mascarar uma porta romanica. Deve-se, como outras muitas obras, ao bispo D. Jorge de Almeida. Sobre ella, cava-se uma falsa arcaria, de cinco vãos, de estylo romanico; e, na parte superior dessa face, rasga-se uma janella dupla, romanica tambem, sob a qual se abrem tres frestas, que illuminam o triforio.

A SE VELHA DE COIMBRA

Junto do angulo do noroeste, a cêrca de um metro do solo, vê-se uma arca de pedra, com labores e uma inscripção. Encerra as cinzas do conde Sisenando, que, na segunda metade do seculo x, em tempo de Fernando Magno, de Leão, governou distinctamente Coimbra, depois de haver estado largos annos em Sevilha e recebido alli a influencia da brilhante civilização do califado.

Proseguindo no exame exterior da velha cathedral, prendem a nossa attenção a absíde, ou capella-mór, e a absidiola que á direita se lhe encosta, elementos em cujas faces convexas se notam, além de janellas, quasi todas romanicas, esveltas columnas adossadas, em cujos capiteis se apoia uma cornija, estribada tambem em modilhões, que occupam os intervallos das columnas. Reduzida, ha pouco, ao estrictamente necessario para o culto a vasta sacristia, dos fins do seculo xvi, que occultava quasi completamente a parte absidal da veneranda Sé — podem, agora, ser observadas a absidiola do lado do Evangelho, dantes só parcialmente visivel, e, na parte em que a não escondeu a ampliação da outra absidiola, no seculo xvi, a absíde.

Sobranceira a esta, quebra a monotonia da parede do transepto, — que é rematada por um delicadissimo coroamento gotico, do comêço do seculo xvi, — uma galeria românica, accessivel por meio de duas apertadissimas esca-das, abertas na espessura das paredes. Essas galerias exteriores, — por vezes, verdadeiros caminhos-de-ronda, — são frequentes na Lombardia e na região do Rheno. Na Hispanha, é notavel a que circumda a abside da cathedral de Urgel.

Acima da abobada das naves ergue-se a lanterna, cuja parte superior era constituida, segundo antigas memorias, por um corpo quadrangular «de extremada altura», com tres series de janellas, correspondentes a outros tantos pavimentos, e coroado por uma pyramide. E' de crer que se exaggerasse a altura dêsse corpo, que não seria, talvez, superior á do

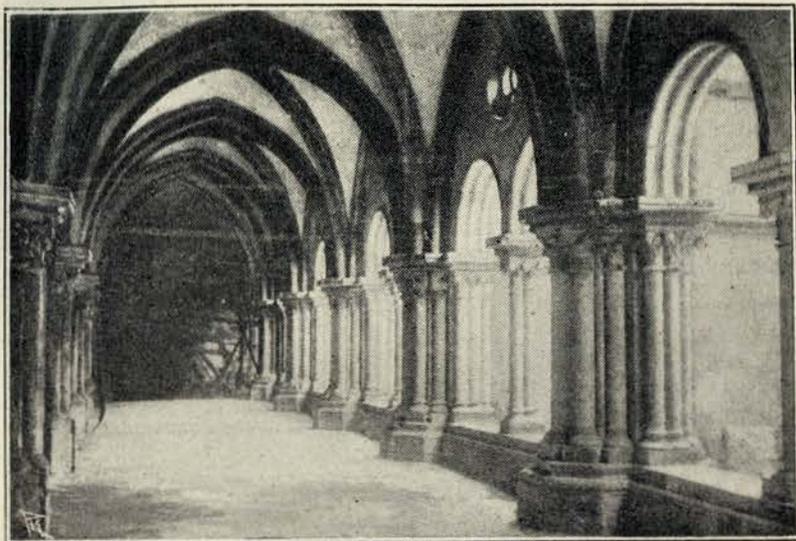


ABSÍDES

A SÉ VELHA DE COIMBRA

zimbório setecentístico, revestido de azulejos, que o substituiu, e se deve ao bispo D. Antonio de Vasconcellos e Sousa.

A' fachada meridional encosta-se o bello e harmonioso claustro, do seculo XIII, de estructura ogival, mas de ornamentação romanica e arcos de volta perfeita, — claustro que, na minha ultima visita ao glorioso monumento (outubro de 1917), tive o grande prazer de admirar já inteiramente liberto das construcções, destinadas á Imprensa da Universidade,



CLAUSTRO

que, desde o seculo XVIII, sobre os seus elegantes lanços pesavam, disfigurando-o ignominiosamente, e dos entaipamentos que vedavam alguns dos seus arcos, vendo-se tambem já desobstruidas a casa capitular e as capellas que abrem para os porticos oriental e meridional.

De onde em onde, surgem phantasiadas gárgulas.

Entremos agora no majestoso edificio. Com-

posta de tres naves longitudinaes, uma nave transversa (o transepto) e tres absídes, todas primitivamente semicirculares, que dão para a nave transversal e correspondem ás tres longitudinaes, a Sé Velha figura, na sua planta, uma cruz latina. E' a planta de typo basilical, — a mais frequente na architectura romanica peninsular.

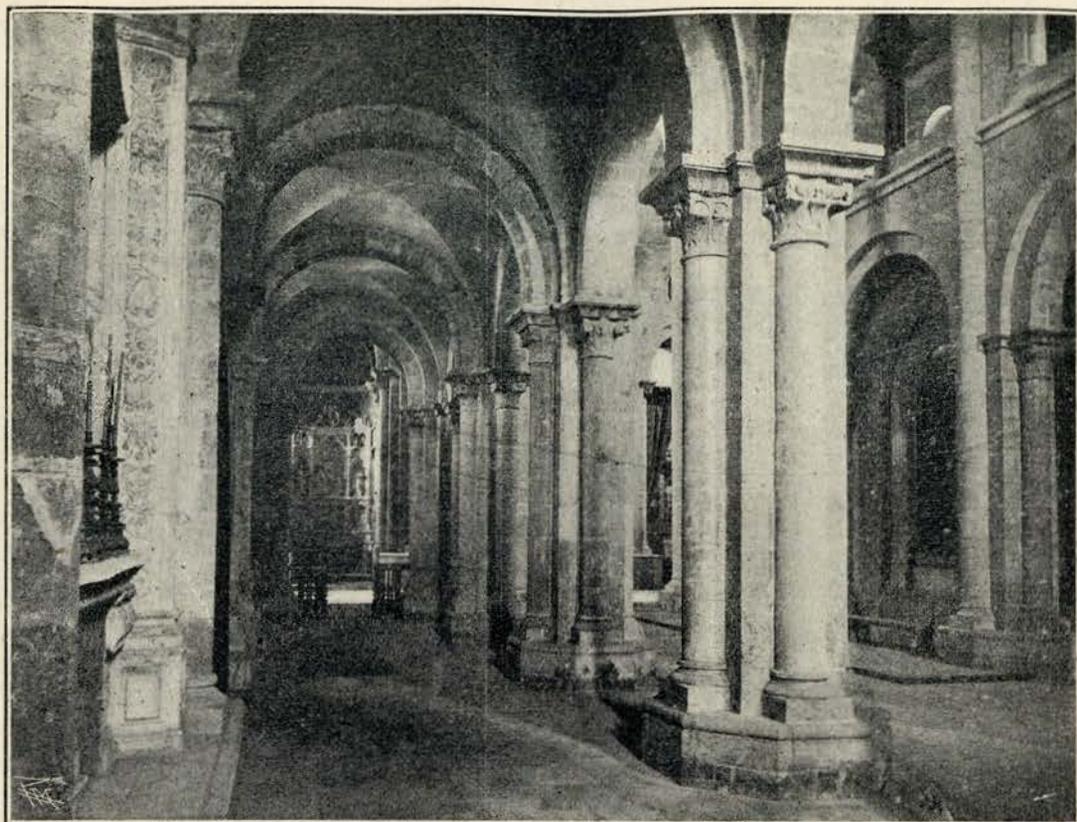
As naves são divididas por meio de pilares compostos (isto é, formados de prismas quadrangulares a que se adossam columnas), sobre os quaes descansam arcos de volta perfeita, alteados. Os pedestaes são octogonos, formando estylóbato os correspondentes ás columnas adossadas, em que se estribam, do lado da parede, os arcos duplos das naves lateraes. Esses supportes foram, no começo do seculo XVI, revestidos de azulejos hispano-moíriscos, ultimamente eliminados.

A nave média, mais larga e mais alta do que as lateraes, tem um só piso. A's outras correspondem dois pavimentos, dos quaes o superior constitue uma galeria, com arcadas sobre columnellos. E' o *triforio*. Dá para a nave central e, convertido em estreita passagem, corre sobre a porta principal, circumdando tambem o transepto, com desniveis que se reproduzem na linha inferior das arcadas.

Nas faces longitudinaes da nave transversa, ha, por sobre o triforio (onde se abrem tres frestas), uma janella dupla; e, na parte inferior, falsas arcarias, — que, em duas ordens sobrepostas, ornamentam igualmente as paredes lateraes da capella-mór.

O retabulo do altar principal, comquanto destoe da feição caracterizadamente roma-

A SE VELHA DE COIMBRA



INTERIOR (CLICHÉ EXPRESSAMENTE FEITO PARA A REVISTA «A ARTE»)

nica do edificio, é uma verdadeira maravilha, um dos mais notaveis exemplares de talha gotica existentes na Peninsula. Obra de dois artistas neerlandeses (Olivier, de Gand, e Jean, de Ypres), realizada por iniciativa do bispo D. Jorge de Almeida (1481-1543), esse extraordinario retabulo evidencia bem, no caracter realistico da estatuaria e no vegetalismo da ornamentação, toda em apertadas ondulações, a sua procedencia septentrional, — confirmada, aliás, documentalmente.

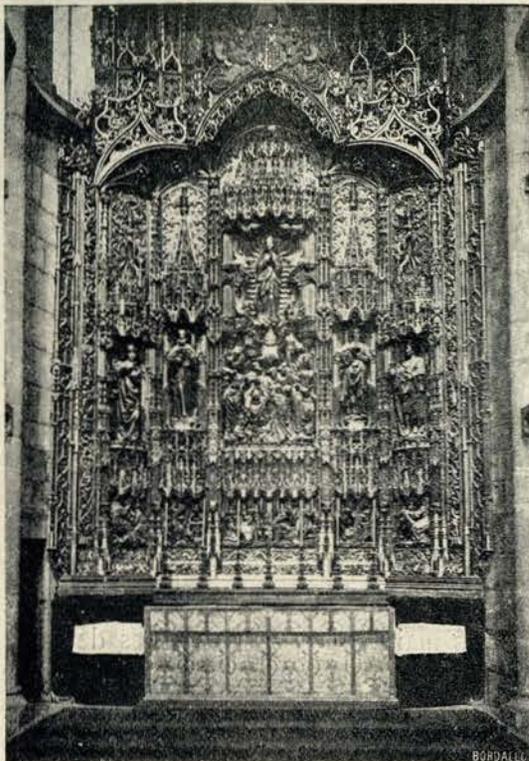
A pequena capella (absidíola) do lado do Evangelho, consagrada a S. Pedro, ostenta igualmente um retabulo digno de attenção. Trabalhado em pedra, é uma das mais bellas e typicas producções que em Coimbra deixou essa brilhante pleiade de artistas, representantes da delicada arte da Renascença francesa, que á cidade do Mondego attraheu o espirito fastoso de D. Manuel, e cuja influencia, repercutida em diversos pontos do país, alcançou os primeiros decennios do seculo xvii. Deve-se tambem a D. Jorge de Almeida.

Na capella opposta — a do Sacramento — a esculptura merece ainda a nossa observação. As imagens (de Christo, dos Apostolos e outras) occupam duas series sobrepostas de nichos, em hemicyclo, e offerecem grande variedade de posturas e expressões. São figuras de vida intensa, de intellectualidade palpitante. Mais sobrio, de caracter menos decorativo, de *virtuosidade* menos accentuada de technica, do que o de S. Pedro, o retabulo do Sacramento, executado já na segunda metade do seculo xvi, uns quarenta annos depois daquelle,

A SÉ VELHA DE COIMBRA

é, antes, uma peça de estatuaria, em que o artista logrou dar alma á pedra. Fecha essa capella um elegante *duomo*, no estylo do Renascimento.

A ultima restauração fez desaparecer o côro alto, construido de madeira de carvalho, que fôra obra do bispo D. Affonso de Castello-Branco (1585-1615) e cuja face inferior foi aproveitada para alguns tectos do Museu «Machado de Castro» (alojado no antigo paço episcopal), como valioso espécime do lavor *mudejar* de *altarje*, do mesmo modo que o tecto da capella do paço de Sintra e o da igreja matriz de Caminha, — para apenas citar os mais accessiveis e conhecidos exemplares (1).



RETABULO DO ALTAR-MÓR
(CLICHÉ EXPRESSAMENTE FEITO PARA A REVISTA «A ARTE»)

Ao invés do que succede nalgumas igrejas romanicas francesas e hispanholas, como, por exemplo, as de Moissac, Autun, Compostella, Avila e Soria, em que a estatuaria, embora integrada na architectura e de feição convencional, hieratica, se ostenta já, largamente, em baixos-relevos e figuras de pleno vulto, — nos edificios romanicos do nosso país, a esculptura circumscreve-se, geralmente, em função decorativa (2), manifestando-se, com maravilhosa variedade de origens e aspectos, em frisos, archivoltas, capiteis e fustes e nas cachorradas em que se apoiam cornijas. São os *themas* geometricos, os vegetaes, os animaes; são os entrelaços; são as *historias*, isto é, figuras humanas que representam uma acção. . . O typo classico surge por vezes, embora mais ou menos degenerado.

Não obstante a sua importancia, não constitue excepção, a este respeito, a Sé de Coimbra; e, assim, debalde se procuram lá estatuas e baixos-relevos do periodo românico, devendo, todavia, admirar-se os seus variados capiteis, alguns dos quaes foi necessario substituir. Facil é distinguir os novos:

denuncia-os a ausencia de relevos. E' de notar que, nos capiteis dos columnellos da lanterna, se pressente já o caracter naturalistico da ornamentação da epoca ogival.

As paredes são, como as romanas, constituídas por um resistente nucleo de argamassa e brita, revestido, interna e externamente, de silhares de calcareo, com as dimensões do aparelho medio.

(1) Observa M. Borrell (*Tratado de Dibujo*, tom. II, pag. 410) que a carpintaria foi a arte industrial que por mais tempo manteve a feição *mudejar*, conservando-a até muito depois de extinto o dominio mahometano e introduzida a arte do Renascimento na Hispanha.

(2) Constituem excepções os porticos de Bravães e Villar de Frades. Numerosas e dignas de estudo são, porém, ainda hoje, entre nós, as estatuas tumulares medievas.

A SÉ VELHA DE COIMBRA

Como todas as igrejas propriamente romanicas, a Sé Velha é, em todas as suas partes, abrigada por abobadas.

Sobre a nave média, corre um berço, reforçado por arcos duplos, apoiados em columnas, que são um dos elementos dos pilares compostos que dividem as naves.

O transepto é igualmente protegido por um berço, que a lanterna interrompe.

Cobrem o pavimento inferior das naves lateraes abobadas de arestas, construidas de brita e argamassa; o superior, berços, quasi tão elevados como o da nave central, para cujo equilibrio contribuem.

A' absíde e á absidíola do lado do Evangelho correspondem abobadas de quarto de esphera, associadas a curtos berços. Na absidíola opposta, nota-se uma esvelta cupula (*duomo*), no estylo do Renascimento, com seu lanternim cylindrico. Foi construida no seculo xvi, e liga-se á bella obra de esculptura a que já me referi.

Os quatro berços, — o da nave central, o da capella-mór e os correspondentes aos dois braços do transepto, — de raio igual, — constituem, abrindo-se á mesma altura, os arcos que definem o cruzeiro, sobre o qual se ergue a lanterna, em cuja base, quadrangular, circumdada, interna e inferiormente, de arcaturas, se abrem, como vimos, janellas de volta perfeita, e cujo corpo superior, estribado numa abobada ogival com nervuras diagonaes, foi, como dissemos, substituido por um zimbório setecentistico.

Não ha, na velha Sé conimbricense, nenhuma dessas rosas, que, embora sómente no periodo ogival attingam o mais elevado grau de importancia e desenvolvimento, apparecem já, comtudo, do seculo xi em diante, em muitas igrejas romanicas. O edificio recebe luz da lanterna, das janellas a que fiz referencia, e de duas series de frestas, abertas em cada uma das faces, do norte e do sul, nos espaços entre os gigantes: — as inferiores, destinadas a illuminar as naves; as superiores, o triforio. Do lado do norte, porém, a bella portada da Renascença prejudicou duas frestas (alta e baixa); e, do lado do sul, o claustro occultou as frestas inferiores, á excepção de duas.

Merecem a attenção do visitante a pia baptismal, curioso espécime da arte denominada *manuelina*, e varios monumentos funerarios dos seculos xiii e xiv, com estatuas jacentes, como os dos bispos D. Egas Fafes e D. Tiburcio, o da princesa byzantina D. Vetaça, dama da rainha que foi depois Santa Isabel, etc.

E aqui tem o leitor, em rapido esboço, o que é a famosa Sé Velha de Coimbra.



PIA BAPTISMAL

(CLICHÉ EXPRESSAMENTE FEITO PARA A REVISTA «A ARTE»)

D. JOSÉ PESSANHA.

SCENAS DA VIDA PORTUGUESA



III — LES APPROCHES DE LA NÖEL

(Reprodução de uma aguarela de Zacharie Felix Doumet. Fim do seculo xviii)

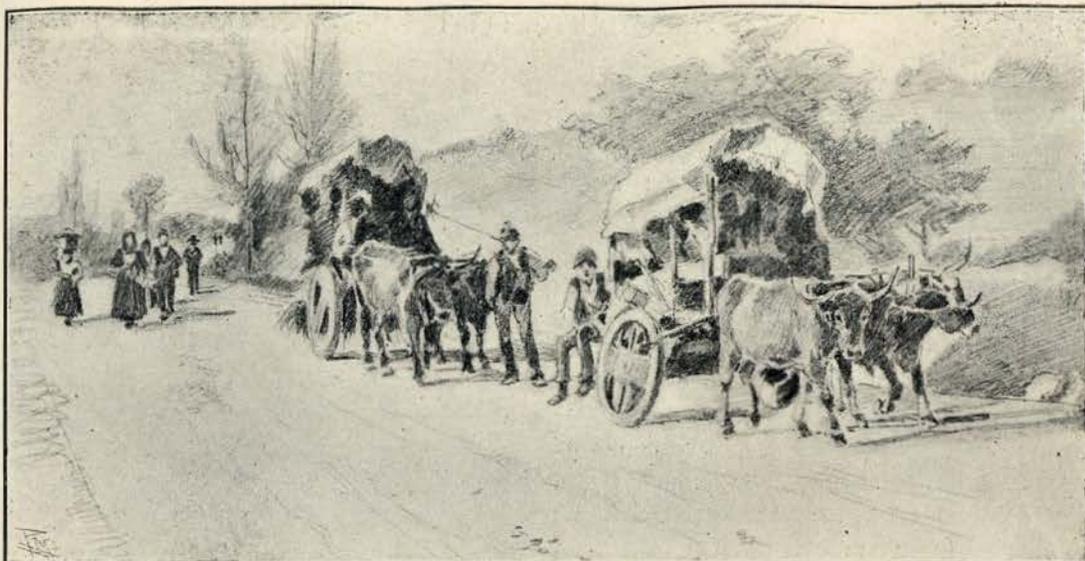


FIG. 1—A CAMINHO DA FESTA DO AVELAR (ANCIÃO)—DESENHO A LÁPIS DE ALFREDO KEIL

O CARRO RURAL PORTUGUÊS (1)



ENTRE as tantas, primitivas, alfaias agrícolas cujo uso perdura no nosso país, nenhuma haverá de maior interesse etnográfico do que o carro de duas ródas cheias e eixo de madeira, puxado por bois, que, pela terra portuguesa fóra, é o mais valioso auxiliar do pequeno e do grande proprietário, a vida dos caminhos e das estradas, o enlevo dos nossos olhos. E está tão perto da terra a sua fabrica, e anda tão presente ao nosso espirito a sua imagem rude, que mal se compreende uma paisagem, monte ou campina, de qualquer provincia de Portugal, sem a nota pitoresca, animada e estridente do carro de bois!

Como se creou e se conservou, até nos chegar em sua quasi pureza originaria, este veículo rural?

Num pequeno trabalho, hoje bastante raro, publicado na revista basca, *Euskal-Erria* (*El origen del carro euscaldun*, no t. xxxvi, 1897, p. 506-510), o sr. Telesforo de Aranzadi, actualmente professor da Universidade de Barcelona, conjugou e dispoz, com clareza, os conhecimentos reaes e as suposições fundamentadas que possuímos acêrca dos meios de transporte primitivos na Peninsula. E principiou, naturalmente, por transportar-nos aos tempos

(1) Em fins de 1915 visitou Portugal, como logo se noticiou na *Terra Portuguesa*, então recém-nascida, o ilustre etnografo polaco, sr. Eugenio de Frankowski, ajudante do Instituto de Antropologia da Universidade de Cracovia. Achava-me eu, ao tempo, conservadôr do Museu Etnologico, e, como quer que o sr. Frankowski, que percorria este estabelecimento, me interrogasse acêrca da proveniencia de

O CARRO RURAL PORTUGUES

felizes em que a terra virgem se oferecia ao homem em toda a sua pujança para que a desbravasse e a arroteasse, para que iniciasse com ela o idílio eterno que durará enquanto houver necessidade de pão á superficie do globo.

Quando o homem começou a utilizar o solo, teve, para formar os seus quinchosos e ortas, de abrir clareiras nos bosques densos dos tempos primitivos, e houve de resguardalos depois, com altas palissadas, das depredações e dos assaltos dos animaes daninhos ou ferozes. Protegia-se assim, ao mesmo tempo, o terreno da cultura e a cabana familiar de habitação, formada de troncos e ramagens, tapada de caniçado ou varêdo, barrado externamente de terra endurecida, ou coberta de herbagens sêcas e resistentes (1).

Mas, com o desbastar sucessivo do arvoredo, foi necessario começar a trazer de mais longe os troncos. O que primeiro ocorreu foi o faze-los rolar. Veio depois a ideia de os

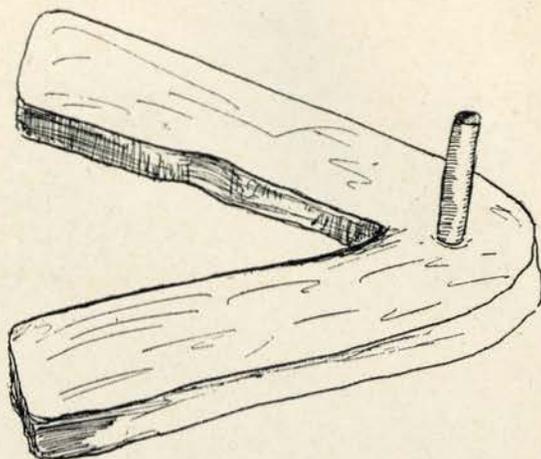


FIG. 2—«CÔRSO» DE CAMPO BEMFEITO (PLANALTO DE MONTEMURO)

alguns objetos expostos, encetamos uma conversação etnografica e arqueologica que se continuou em dias subsequentes e originou uma cordealissima assiduidade de relações, por fim transformadas em solida e inquebrantavel amizade, cheia do maior encanto e proveito. Interessava-se o etnografo polaco, ao tempo, muito especialmente pelos jugos portugueses, e trazia consigo uma vastissima e modelar bagagem comparativa de exemplares de todo o mundo. Acertou, por natural associação de ideias, de se falar dos carros. Expuz-lhe as diferenças que notava nas fórmias dos nossos rudimentares veículos de uso rural. Ficou encantado com o que eu lhe descrevia, e logo me fez ver a utilidade de eu escrever um trabalho sobre o assunto, enquanto essa carateristica rudeza dos carros ruraes portugueses se não fundia ao calor da civilização. Mandou-me depois elementos preciosos, colhidos por ele proprio em diversas provincias de Espanha, mostrando assim uma formação de espirito e carater bem diferente da de alguns dos nossos empedernidos arqueologos e etnografos, cuja sciencia é toda feita de escaninhos e caixinhas de surpresas. Acabou por me decidir.

Para ele, portanto, os meus primeiros e mais calorosos agradecimentos. Ao ilustre professor H.

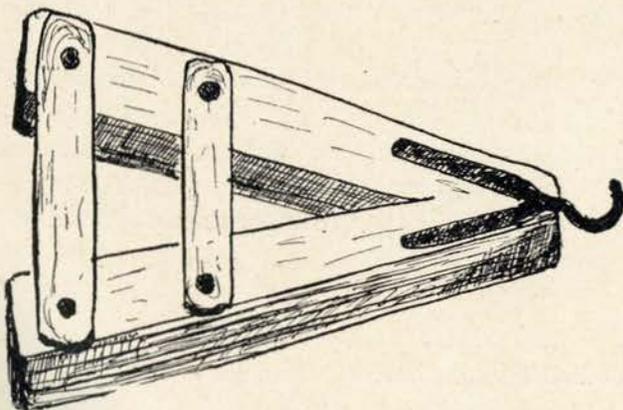


FIG. 3—«CÔRSO» DE UCANHA (CONCELHO DE LAMEGO)

Breuil, pelas interessantissimas e inéditas noticias sobre os carros na arte rupestre de Espanha, que se dignou publicar nos n.ºs 15-16 da *Terra Portuguesa*, e aos meus queridos amigos dr. Aarão de Lacerda, D. Sebastião Pessanha, Marques Mano, Eugenio da Veiga, dr. Antonio Borges, Carlos Toucedo e Luiz Keil, que ajudaram, com notas e desenhos, alguns valiosissimos, a preparação deste trabalho, consigno tambem o testemunho mais sincero e mais ardente da minha gratidão.

(1) *Vetruvio-Architettura*, per M. Gianbattista Caporali di Perugia—pags. 45 e 46, Cfr. A. Mesquita de Figueiredo, nas *Habitacões da Beira-Mar*, in *Terra Portuguesa*, Ano II (1917), p. 3.

O CARRO RURAL PORTUGUES

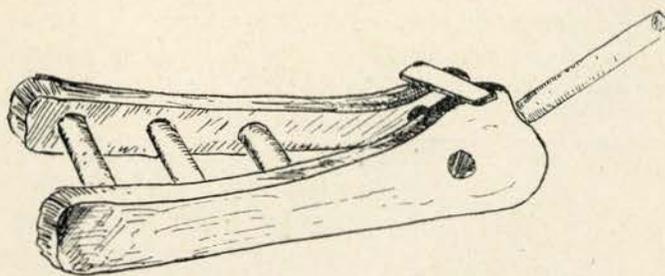


FIG. 4 — «ZÓRRO» DE CARQUERE (CONC. DE REZENDE)

transformou os troncos soltos num estrado, formado primeiro de uma forquilha natural, e estavam inventados o *trenó* e a *zorra*.

Por outro lado, o uso dos róis de madeira para o transporte de cargas pesadas, como as pedras das antas, levou ao descobrimento da roda. Deixando os extremos do tronco roladôr mais grossos, ou aplicando nesses extremos fortes tambores da mesma madeira, e encostando o rôlo a uma cavidade aberta na parte inferior de um estrado, estava obtido o carro primitivo, que, com poucas modificações — adelgaçamento dos tambores-rodas, coesão maior do estrado e seu aperfeiçoamento — se conserva em varias regiões do mundo.

Deste prototipo derivaram, dentro da Peninsula, os carros português, galego, basco e asturiano, usados, sem descontinuidade, desde a sua invenção, por todos os povos, indigenas ou dominadores.

O uso do carro agrícola implica um certo grau de civilização, relações sociaes desenvolvidas, e uma vida rural intensa e de desenvolvimento livre. Exige, por outro lado, a domesticação e a criação de gado vacum, e a existencia de caminhos.

Por falta de algumas destas condições vemos nós como na Africa equatorial e em certos povos orientaes não se empregaram nunca os carros, substituindo-se estes, em todos os transportes, pelos carregadores. Tudo se leva ás costas, o homem como a bagagem. Em países de civilização rudimentar, como Marrocos, o carro é tambem ignorado. Os carrêgos fazem-se a dôrso de animal, e as viagens, a cavalo, ou em liteira do mesmo tipo da que se usou no nosso país até aos meados do seculo XIX. Aqui, a pouca segurança social e a primitividade da organização rural justificam o facto. Apesar da ocupação romana desse país, a influencia dos conquistadores do mundo não resistiu á indole barbara dos habitantes.

Utiliza-se ainda em Portugal o primitivo estrado de arrasto, seja perfeitamente igual ao que usaram os pre-istóricos, seja mais aperfeiçoado.

O mais rude que até hoje encontrei nas minhas di-

arrastar, quando pesados demais para se poderem transportar aos hombros. Com o aperfeiçoamento da domesticação dos animaes surgiu a ideia de utilizar os bois nesse trabalho, passando uma corda aos corno do animal e fazendo-o arrastar a carga.

Viu o homem que podia fazer-se transportar sobre esses paus,

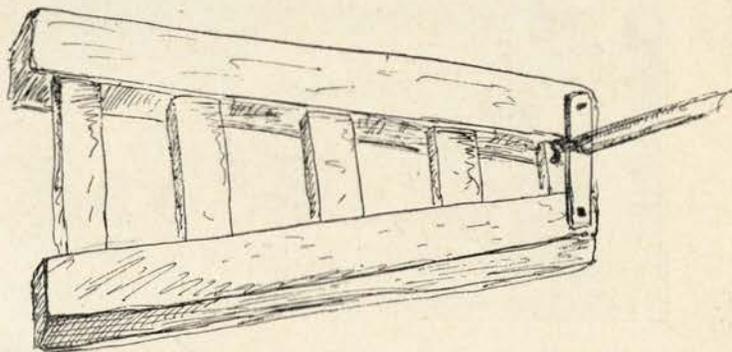


FIG. 5 — «ZÓRRO» DE CARQUERE (CONC. DE REZENDE)

O CARRO RURAL PORTUGUES

vagações pelo país, foi na Beira-Alta, em Campo Bemfeito (Montemuro), uma aldeia com as casas cobertas com camadilhas de côlmo. Consta de duas grossas pernasadas de um tronco, cortadas no ponto de bifurcação, de molde a formarem um tôsko angulo agudo, sobre cujo vertice está cravado um tóro roliço a que se prende o *cam-bão* com que a alfaia é arras-tada pelas vaquinhas serranas.

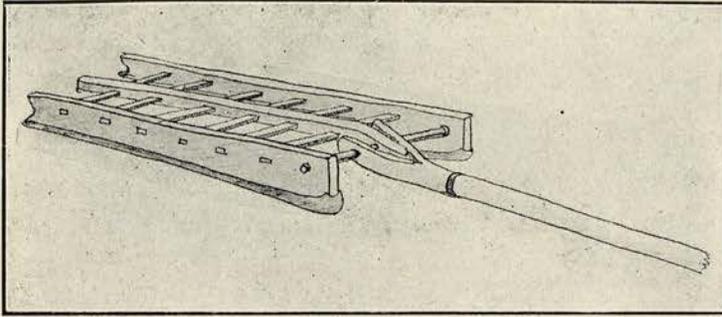


FIG. 6—«LÉRA» DA BISCAYA, GUIPUSCOA E NAVARRA (DESENHO DE E. FRANKOWSKI)

Não entra na composição do aparelho nenhum metal (Fig. 2). Chama-se-lhe, na região, *córso*, e serve para *acursar* as pedras que dividem os lameiros, na *veiga* que alastra na parte mais baixa do vale, ás ilhargas de um riosinho de

aguas mansas e frias que segue coleando entre as terras magras, debruado de sangrenheiros.

Deste prototipo deriva o *córso* (Fig. 3) que vi na Ucanha, a terra que tem a mais linda ponte gotica do país, defendida numa das entradas por uma torre, que nem os seculos nem os homens, por perda da civilização, conseguiram ainda deitar abaixo. Nesse *córso*, porem, o ferro é empregado com abundancia, quer na cravagem das travessas superiores, quer no forte gancho em que se enlaça a corda ou enfia o extremo do *cam-bão*. Tinha 1,60 de comprimento e 0,90 de largura na base.

O estrado de arrastar, trapezoidal, é hoje tão vulgar como o triangular, e utiliza-se em todo o norte para acarretar a pedra das pedreiras, pelos caminhos velhos, até ás estradas. O *zórro* que represento na fig. 4, encontrei-o, já fóra de serviço, encostado a uma casa, na ingreme ladeira que conduz da ponte ao mosteiro medieval de Cárquere (C.º de Resende). Parece um *trenó*. O *cam-bão*, tronco roliço e não muito grosso, que, ligado ao jugo, serve para o arrastar, prende-se a uma *tranqueta* encravada na dianteira do aparelho.

Na mesma freguesia vi tambem um *zórro* (Fig. 5) novo, trapezoidal, formado de madeiras esquadradas, fortalecidas por quatro *travessas*. O *cam-bão* prende-se a uma *tran-*

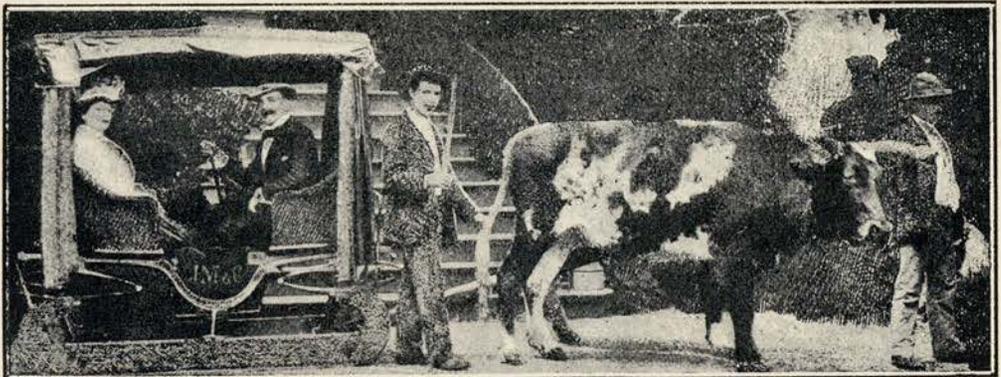


FIG. 7—«CARRO» DE BOIS USADO NA CIDADE DO FUNCHAL (ILHA DA MADEIRA), PARA TRANSPORTE DE VIAJANTES AO MONTE SOBRANCEIRO Á CIDADE

O CARRO RURAL PORTUGUES

queta na frente, e esta é protegida por uma travessa pregada sobre as madeiras. Tinha de comprimento, 2 metros, e de largura: na frente 0,48, atrás, 0,88. E' o zôrró mais aperfeiçoado que conheço entre nós, excção feita, é claro, do estrado-trenó usado na Madeira, tambem puxado por bois (e só nisso primitivo), e das zôrras assentes sobre rodinhas de ferro, de uso universal.

Nas partes montanhosas da Biscaya, Guipuzcoa e Navarra, qualquer proprietario possui o seu trenó, denominado *lera*, que serve para transportar as cousas pesadas pelos maus caminhos. Estes trenós são verdadeiros estrados de carro, tendo muitos deles, por baixo dos madeiros lateraes, sapatas que os protegem, para que a fricção violenta e continuada nas pedras não os deteriore muito rapidamente. Tal como sucede na Beira Alta, na Navarra, os caminhos estreitos têm os pavimentos todos polidos pela passagem das *leras*. A representada na figura 6, tem 2,37 de comprimento no estrado, e 2,75 no cambão, apresentando, portanto, as dimensões dum carro. O sistema de ligação entre a vara de tiro e o estrado é diferente do adótado nas nossas provincias.

Entre os estrados de arrastar ainda empregados entre nós, podemos tambem citar o *trilho*, seja o usado em Terra de Miranda (mas comprado em Zamora), com silices cravados na face inferior, descendente em linha reta do *tribulum* romano; seja o trilho do resto do país, derivado do velhissimo *plostellum punicum*.

O CARRO DA ANTIGUIDADE

Depois de um largo periodo do uso do trenó ou da zôrra, aparece, num ponto unico ou em diversas regiões, a sua derivação imediata, o carro. Sobre os monumentos em que as raças de civilização mais evolucionada (Egito, Assiria, Creta), insculpiam o relato dos seus feitos guerreiros, ou sobre as rochas irregulares em que, nos agregados sociaes de cultura mais atrazada (Iberia, Galia), se pintavam ou gravavam episodios religiosos ou da vida comum, descobrem-se representações indubitaveis de veículos de duas e de quatro rodas.

No seu recente e admiravel trabalho publicado nesta revista, *Le char et le traineau dans l'art rupestre d'Extremadure (Espagne)*, o illustre arqueologo francês, H. Breuil, deixou cabalmente demonstrada a existencia de carros na Peninsula durante o eneolitico e no começo da idade de bronze. Esses carros revelam-se-nos, porem, quanto ás rodas, com um carater pouco primitivo, e que patenteia, provavelmente, uma influencia oriental. O carro representado nas pinturas rupestres de Espanha não é, evidentemente, o carro antoctone. Refiro-me

ao de duas rodas. Do de quatro nem é necessario falar, tão convencido estou de que provem do centro ou do oriente da Europa (Russia, Austria, Balkans, Italia), onde permanece hoje com o mesmo carater, quasi.

Nas figurações de carros que nos ficaram nos monumentos do Egito e da Assiria, quasi que só encontramos rodas raiadas e de metal, ou bem reforçadas de metal. A biga,

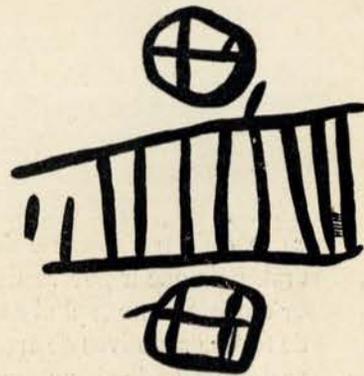


FIG. 8—CARRO DE DUAS RODAS, NUMA PINTURA RUPESTRE DE ESPANHA (H. BREUIL)

O CARRO RURAL PORTUGUES

egípcia ou assiria, de combate, tem ródas de quatro ou de seis raios. Em centenaes de representações de carros de guerra as encontramos assim (Fig. 9). Na chapa de bronze da porta de Balawat, hoje no Museu Britanico, onde se relatam as empresas guerreiras de Salmassar II (860-825 A. C.) vê-se, por cima de uma biga de combate, um pesado churrião de

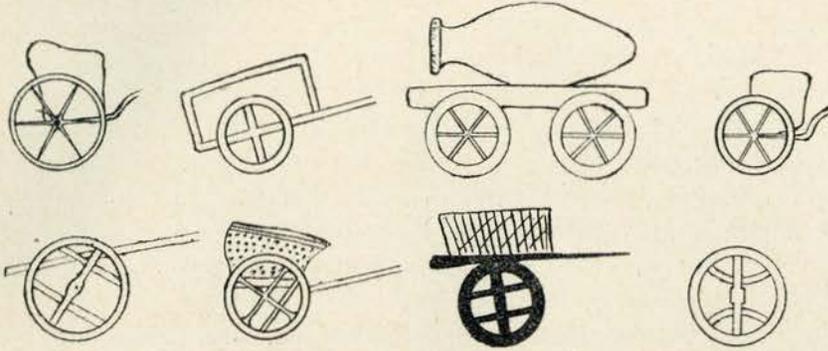


FIG. 9 — 1, CARRO DE GUERRA EGÍPCIO; 2, CARRO DE NINIVE; 3 E 4, CARROS ASSÍRIOS DA PORTA DE BALAWAT; 5, 6 E 7, CARROS GREGOS; 8, RODA DE CARRO ETRUSCO

quatro ródas sexiraia-das, que transporta um *dolium* enorme, semelhante a uma dessas alentadas *talhas* de Campo Maior ou da Vidigueira.

Durante o periodo de cultura minoica da bacia oriental do Mediterraneo, o carro guerreiro conserva o mesmo aspeto do as-

sirio e egípcio. Numa estela funebre de Micenas, os raios das rodas de um carro de combate são quatro e dispostos em cruz. E o mesmo acontece nos veículos de quatro rodas, como mostram as procissões funerarias pintadas sobre o bôjo dos vasos cretenses.

Nos vasos gregos de estilo mais antigo é este mesmo carro que nos aparece, mas com os raios alargados nos extremos, de encontro ao aro, para o fortalecer. Mais tarde, o numero de raios das rodas aumentou, vendo-se nas representações da balaustrada do plano superior da Basilica de Pergamo, rodas de 10 raios, de forte cubo metalico. Um outro tipo de roda muito comum na Grecia é o da roda com um unico pinásio, cortado por duas travessas perpendiculares. Deste tipo derivou a roda etrusca (Fig. 9). Este feitio exotico dá-nos a impressão de que nos encontramos deante das travessas de reforço de uma roda cheia.

Entre as numerosas peças de carater greco-iberico (secs. III ou IV, A. C.), que apareceram numas escavações realizadas ha perto de 30 anos em Alcacer do Sal, encontraram-se os aros de ferro das rodas de um carro de combate, bem como os respectivos cubos de bronze.

E' nos monumentos romanos que se nos patenteia, nitida e precisa, a diferenciação entre o carro de guerra e de corrida (*carrus*), e o de transporte e de serviço rural, pois que a guerra deixára já de ser o pensamento capital e absorvente de todos os motivos de arte. Nas pinturas das scenas de vida comum, em que se estadeia toda a graça maliciosa ou alegre da epoca, não é raro encontrar o carro de bois, conduzindo uvas para o lagar, ortaliga para os mercados, ou feno para as abegoarias. Faz-se a distincão entre o *carpentum*, com rodas de raios metalicos, e seu toldo de caniços, tal como um carro alentejano e o *plaustrum*, de duas rodas, denominadas *tympana*, geralmente cheias, reforçadas muitas vezes por travessas dispostas em cruz ou em caixilho. Ao olhar as re-

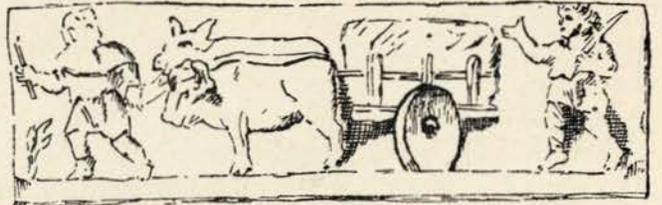


FIG. 10 — CARRO ROMANO (SAGLIO E DAREMBERG)

O CARRO RURAL PORTUGUES

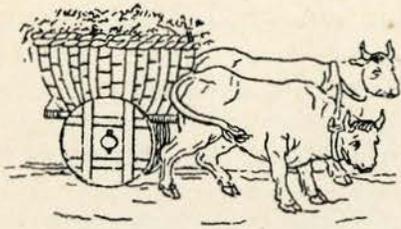


FIG. 11 — CARRO ROMANO (RICH)

vindimas, vêem-se carros de rodas cheias puxados por animaes que os carreiros guíam com a aguilhada, ou conduzem pela sóga. As rodas são tão nitidamente desenhadas que se divisam as cunhas que apertam a cabeça saliente do eixo.

Nas figuras 11 a 14 estão reproduzidos alguns desenhos ou relevos em que se pôde, embora imperfeitamente, verificar a forma do carro e rodas. Na figura 15, a figuração do carro é impecavel. Sobre a parte superior de uma *lucerna* é tambem uma scena de vindima a representada, parecendo que o carro conduz um odre ou uma grande vasilha de barro. A posição do carreiro, sentado de lado sobre a deanteira do leito, é de extrema verdade e . . . atualidade (1).

O CARRO PORTUGUES ANTIGO

Embora não possuamos representações de carros medievaes nossos, é de supôr que eles existissem. Nos *Portugaliae Monumenta Historica* encontram-se com frequencia, em documentos dos seculos x a xiii, referencias ás *stratae carrariae*, que confinavam com as propriedades descritas. Os carros que circulavam por essas estradas deviam ser os mesmos da dominação romana, e muito parecidos com os mais primitivos de hoje. As definições que encontramos, do carro e peças componentes, no *Vocabulario Português e Latino* do P. Rafael Bluteau, impresso no começo do seculo xviii, são tão semelhantes ás que empregamos hoje, que tambem, e sem receio, podemos concluir da identidade dos nomes a identidade do objéto. «Carro, lê-se a pag. 165 do t. II desta obra, é carruagem de carga tirada por boys. Côsta de leito, chaveiros (por chedeiros),



FIG. 12 — CARRO ROMANO (SAGLIO E DAREMBERG)

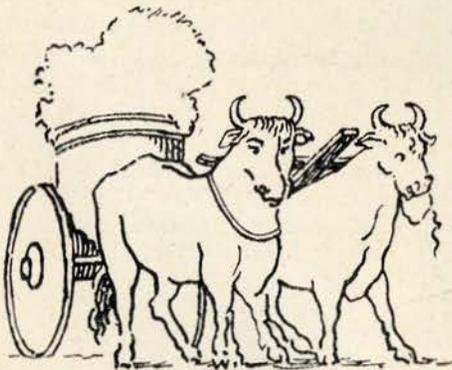


FIG. 13 — CARRO ROMANO (SAGLIO E DAREMBERG)

(1) A proposito do carro da antiguidade, vêr, por exemplo:—*Egypte*, por Maspero; *Romanum Museum* por Miguel A. C. de la Chausse — (Roma-1690); *Le Antiche Lucerne Sepolcrali* por Pietro Santi Bartoli (Roma-1691); *De re vehiculari veterum*, por Scheffer; *Monumenti di Cere Antica*, por Luigi Grifi (Roma-1841); *Mélanges d'Archeologie* (Paris-1874); *Dict. des Ant. Rom. et Grecques*, por H.

O CARRO RURAL PORTUGUES

fueiros, chumaceiras, mesas, cadeas, cavaletes, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiros, cambas, eixo, tamoeiro, relhos, brochas, canga, cangalhos, etc. Carro com caxa he para cal. Carro com sebes consta de hum contexto de vimes tecidos, com q se acarreta estercos...»

No *Divertimento Erudito* de Fr. João Pacheco, t. II, (Lisboa 1738), a paginas 257, vem uma definição identica.

Num livro de receitas e despesas do Convento de Santa Marta, referente ao ano de 1647, lê-se a seguinte curiosa nota: — «Gastousse este mez (julho) en hu carro, e dois bois e hua pipa e mais aviamentos, afora a caixa p.^a se trazer a agua do chafariz, p.^a gastos do convento... 40.160».

E' frequente encontrar nos paineis de azulejo que enobrecem as igrejas e os palacios do seculo de setecentos, representações de carros. Mas, como os nossos pintores desse genero copiavam geralmente de estampas estrangeiras os assuntos das suas obras, não podemos depositar grande confiança em taes figurações.

Nos fins do seculo XVIII e principios do XIX, as circunstancias politicas que imiscuiram tão profundamente os ingleses na nossa vida interna, originaram tambem, no campo literario, o aparecimento de numerosos livros de viagens e memorias sobre Portugal, que hoje são o melhor e mais rico manancial de elementos acêrca da vida portugueza de então.

Era a epoca em que a Inglaterra descobria verdadeiramente Portugal. Uma parte dos seus homens de sciencia e dos seus artistas, trazidos pelas necessidades da luta até á Peninsula, fixavam, pela escrita e pelo desenho, aspétos caracteristicos da nossa terra, en-



FIG. 14 — CARRO DE BOIS ROMANO, FIGURADO SOBRE UMA «LUCERNA»
(M. DE LA CHAUSSE)

Rich (Paris-1859); *A Dictionary of Greck and Roman Antiquities*, (London-1901); *A Dict. of Classical Antiquities*, trad. do alem. por Oskar Seyffert (London-1874); *Dict. des Antiquités Grecques et Romaines*, por Saggio e Daremberg; *Manuale di Storia dell'Arte* — Springer-Ricci (Bergamo-1910); *Wörter und Sachen*; *Espagne et Portugal* por M. Dieulafoy, etc.

O CARRO RURAL PORTUGUES

tão, como hoje, tão diferente da forte e feia Albion. A nossa vida citadina, cheia de costu-meiras exóticas, a beleza e a simplicidade da vida rural provinciana, o pitoresco dos trajos, campesinos, serranos, ou da borda d'água, eram demasiado atraentes para que uma raça de soberbos aguarelistas e desenhadores, como é a dos ingleses, se não abandonasse ao des-lumbramento da côr e ao exotismo dos motivos. Sucedeu por isso o que era de esperar. No país em que tanto livro de viagens por Italia e França se havia já publicado, a bibliografia peninsular começou a tomar vulto.

Desses artistas, uns, carregaram a nota caricatural nas descrições e nos desenhos, outros, olharam a nossa terra sob um ponto de vista serio, embora sobranceiro. Dos primeiros, dão exemplo bem tipico o anonimo autor do *Sketches of Portuguese Life* (London-1826), e Sir W. Beckford, que, na *Alcobaça and Batalha*, passa as raias do que é permitido a um fidalgo, demais a mais recebido com as maiores honras em Portugal. Dos segundos, basta citar James Murphy nos seus *A general view of the State of Portugal* (London-1789) e *Travels in Portugal* (London-1795); Kimsey no *Portugal Illustrated*; e o Reverendo Bradford nos *Sketches of the Country, Character and Costume in Portugal and Spain* (London 1810), de que Mr. Breton copiou depois quasi tudo.

Excêto Beckford, todos deixaram livros ilustrados de esplendidas gravuras. E foi precisamente nas estampas desses livros que recolhi alguns elementos preciosos acêrca da forma do carro rural portu-guês da epoca.

A mais antiga das re-presentações indicadas, a do livro de Murphy, mostra-nos um um carro de estrada retangular, com o leito balisado de fueiros curtos, gi-rando sobre rodas maciças, varadas de dois segmentos circulares acanhados; esses dois oculos estão dispostos de uma banda e outra do espigão do eixo e de uma grossa e bem cravada taboa de reforço, que divide equi-lateralmente a roda e fazia, provavelmente, o papel das atuaes sobrerelhas. Os bois que puxam o veiculo apre-sentam, na frente da cabe-

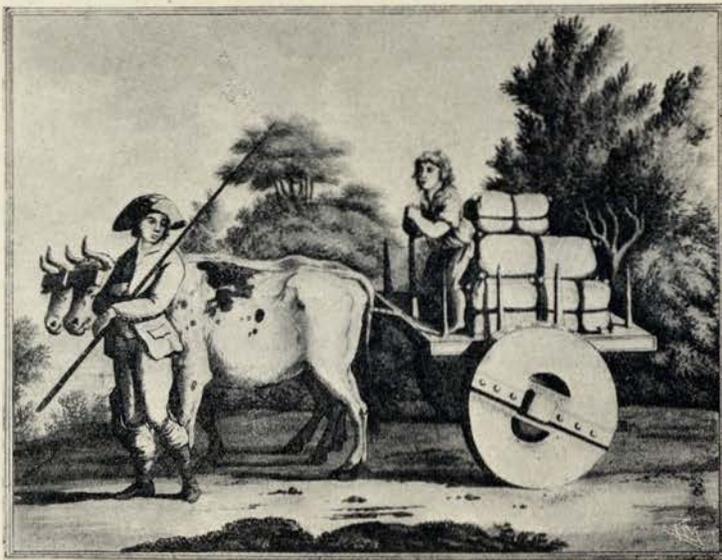


FIG. 15 — «A PORTUGUESE TEAM» (MURPHY — «A GENERAL VIEW OF THE STATE OF PORTUGAL») (LONDON, 1798, PL. VIII)

ça, umas taboinhas com que o autor, por equivoco, quiz representar a canga. Pelo feitio, o carro representado deve ser o da Estremadura. No album do Rev.^{do} Bradford surgem-nos novas figurações do carro estremenho. A primeira gravura a côres do livro representa a *Crique of Maceira*, a enseada da Maceira, uma praiasinha abrigada entre rochedos escu-ricidos e esburacados onde desembarcou o corpo expedicionario inglez que veio combater

O CARRO RURAL PORTUGUES

Junot. Tinha-se mandado reunir na enseada, em dia certo, enorme quantidade de carros de bois, que tiveram afinal de esperar dois dias o desembarque, retardado pelo estado do mar. A aguarela mostra o agrupamento pitoresco dos veículos, animaes e gente.

A segunda gravura do livro mostra o carro da região de Torres Vedras e vem acompanhada da seguinte interessante descrição: «O carro português tem toda a apparencia de uma invenção primitiva, e provavelmente foi-nos transmitido sem modificação, desde o tempo da conquista romana da Lusitania. O corpo desta maquina compõe-se de taboas grossas, unidas, tendo uma vara perpendicular fixada a cada um dos angulos do estrado para retêr a carga. Um tronco grosso e roliço forma o eixo, e, movendo-se juntamente com as rodas, produz durante a marcha sobre os caminhos pedregosos de Portugal uma multiplicitade de sons, a mais discordante e desagradavel que se possa imaginar. Para puxar estes carros empregam-se os bois, que nesta parte da Peninsula são notaveis pela sua beleza e docilidade. São jungidos pelos córnos. Esta maneira de jungir, a julgar pelo á vontade com que estes animaes arrastam os mais pesados fardos em regiões montanhosas e rochentas, merecia adóção geral. O carreiro precede ordinariamente os seus bois, tão bem domesticados, que basta um olhar ou uma pancada ligeira sobre os páus para os meter no bom caminho».

A fórma do leito deste carro é quadrangular; mas duas travessas curtas e obliquas

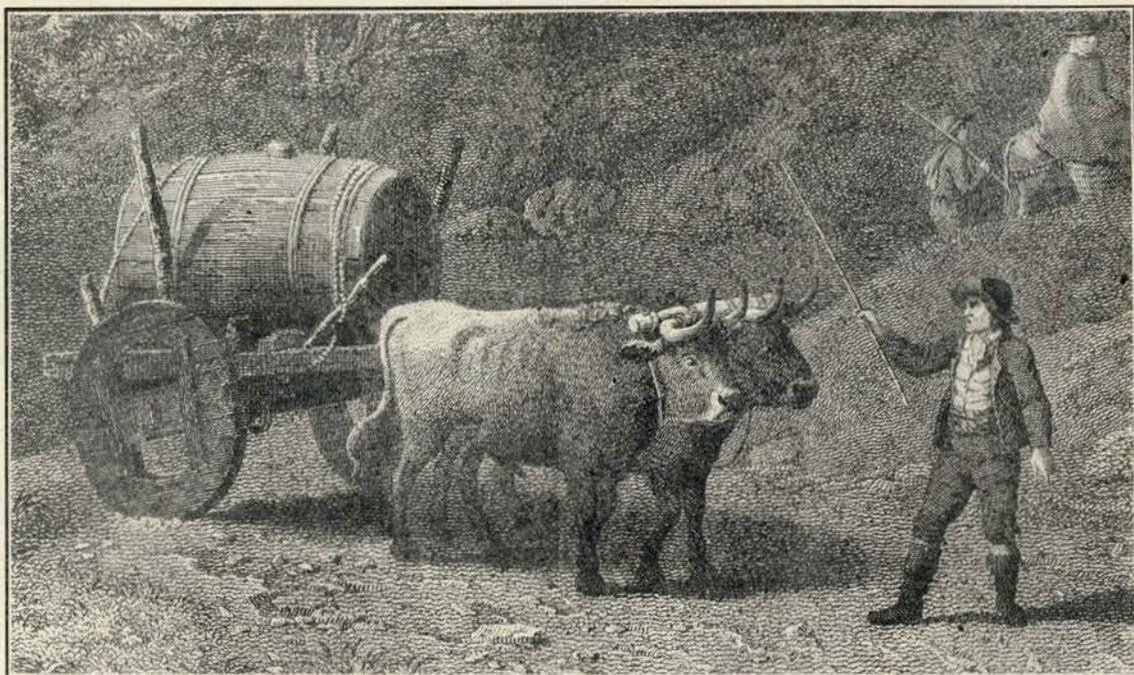


FIG. 16 — PARTE CENTRAL DO 1.º PLANO DA GRAVURA DE L'ÉVEQUE: «VUE DU CONVENT DE BATALHA» (LONDON, 1810)

unem o tópo do estrado ao cabeçalhe. As rodas são vasadas de orificios pouco folgados, e fortalecidas com duas travessas em cruz, que fazem o efeito das sobrerelhas de ferro. A gravura que acompanha este trabalho é a do livro de Mr. Breton, *Voyages en Espagne et Portugal* (Paris 1816), que a reproduziu, reduzida, do livro de Bradford.

O CARRO RURAL PORTUGUES

No livro, já citado, de Kimsey, o veículo figurado a paginas 279 e gravado por Joseph Skelton, é o autentico carro dos arredores do Porto, baixinho, de frente arqueada, os bois jungidos com a sua alta e caracteristica canga.

Em muitos outros livros e gravuras da epoca se patenteiam desenhos de carros de bois, em alguns ocupando o lugar primacial nos quadros, na evidente intenção de os mostrar, nou-

tros, acessoriamente, como elementos de composição da paisagem. E' o que succede, por exemplo, na bella e grande gravura da Batalha, por L'Eveque, e nas maravilhosas reproduções da igreja de S. Francisco do Porto e da Batalha, do *The Tourist in Portugal* de W. H. Harrison (London-1839). Marianne Baillie,



FIG. 17 — PARTE CENTRAL DE UM DESENHO A LAPIS REPRESENTANDO A SERRA DE SINTRA, VISTA DE PERTO DE COLARES

no seu *Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823*, (London-1824), dá-nos tambem, no primeiro volume da sua obra, uma linda agua-tinta representando um carro de bois muito rude, conduzido por um carreiro de chapéu largo, aguilhada em punho.

Na lindissima gravura de Henri L'Eveque (*B. Comte sculp. 1810*), que tem o titulo de *Vue du Convent de Batalha*, ha, nos primeiros planos, numerosos quadrinhos ruraes, retratados com verdade e carater: — um pastor que guarda as suas cabras, um grupo que acaba uma merenda, uma moçoila na fonte, e cujas formas dois bernardos, maliciosamente, comentam, uma camponeza assentada sobre o seu gerico, e, finalmente, ao centro, um lavrador guiando a sua junta de bois que conduz no carro uma pipa cheia, bem segura pelas cordas e pelos fueiros (Fig. 16). Na gravura dos Jeronimos, do mesmo autor, ha tambem dois carros de bois. Uma aguarela inédita de Doumet; mostra-nos um carro semelhante.

De um desenho a lapis, talvez de Pillement (1) que representa uma vista da serra de Cintra, tiráda perto de Colares, extraí o lindo carro carregado de mato que um saloio vestido com o traço regional de então, dirige com mestria e vigor.

(1) Propriedade do sr. Luis Keil.

O CARRO RURAL PORTUGUES

O CARRO DO SUL

Alem Tejo e no Algarve, o carro de rodas cheias e eixo de madeira póde considerar-se desaparecido, persistindo apenas o seu uso entre aguas do Tejo e Sado, onde conserva o carater do carro saloio, e em parte dos districtos de Portalegre e Evora, de Borba para cima. Hoje em dia os carros ruraes das duas provincias são todos de rodas radiadas, e os seus leitos providos de longa e forte *prítica* (1), por onde, com uma simples mudança de canga, puxam bois ou muares. Estas ultimas, porem, empregam-se mais do que as juntas de bois, ao contrario do que sucedia apenas ha cincoenta anos.

Informa-nos disso J. M. Soeiro de Brito numa monografiasinha sobre o Vimieiro (2) ao narrar uma tradição curiosa referente á ribeira de Ter ou Téra. Escreve ele:

«Na ribeira de Ter, junto da ponte por onde passa a via ferrea e a seu juzante, ha um profundo pégo, chamado o *Pégo do Sino*, que dá o seu nome ao monte e herdade onde existe . . . Na noite de S. João, à meia noite, ouve-se cantar um gallo, chorar um menino, berrar um boi e tocar um sino. Em tempos que se não precisam, dirigia-se uma familia para aquelle sitio para passar a ribeira. Ia num carro de bois, *que eram, ainda ha poucos annos, os unicos em uso no Alentejo*. Conduziam um sino, não diz a tradição para onde,

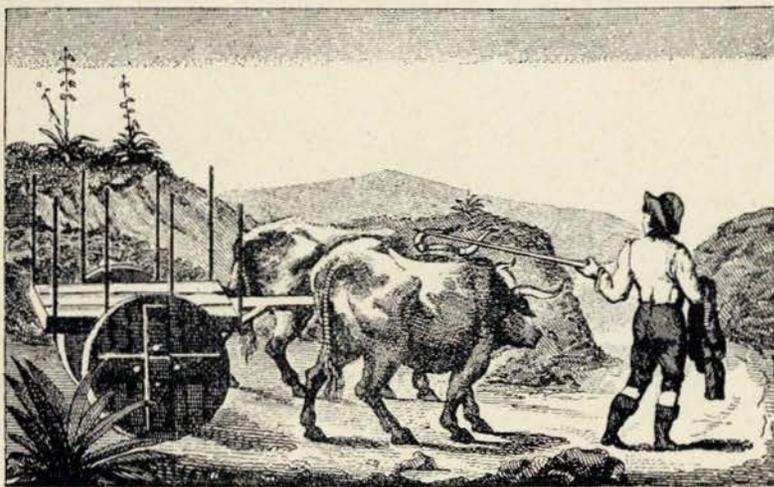


FIG. 18—«CHARRIOT DE L'ESTREMADURE PORTUGAISE» (M. BRETON-PARIS, 1815)

e, ao tentar a passagem, levantou-se disputa entre mulher e marido sobre se passariam ali ou n'outra parte. Um dos conjuges disse uma *asneira* que já se obliterou da memoria, e immediatamente se afundou carro, bois, marido, mulher e um filhinho, desaparecendo tambem o sino e um gallo que levavam, de que nunca mais houve noticia senão á meia noite de cada 24 de junho. . . Resta ainda outro vestigio: são as patas das vaccas impressas n'uma pedra que está na bórda do rio».

Este autor, que ha 30 anos afirmava serem os carros de bois os unicos empregados no Alentejo, exagerava talvez um pouco, atendendo ao que escreveu Mr. Breton no seu *L'Espagne et le Portugal*, T. 6.º (Paris-1815), a paginas 24: «Sobre a margem esquerda do

(1) *Vimieiro* (Elvas-1911)—Edição Torres de Carvalho. O trabalho fóra primeiro publicado, em 1890, no *Manuelinho de Evora*.

(2) *Divertimento Erudito*, T. II, p. 262 «*Pritiga* ou *Pirtiga*: He a vara do carro ou carreta, que do recavem vay dar no cabeçalho»; e ainda: «*Pirtiga*: He o páo do meio da carreta, em que se poem a canga».

O CARRO RURAL PORTUGUES

Tejo, onde o terreno é geralmente plano e arenoso, empregam-se desde ha pouco carretas feitas pouco mais ou menos como as nossas. Os eixos são fixos e as rodas compostas de raios».

Temos, portanto, que colocar, pelo menos, no principio do seculo XIX o começo da substituição das rodas cheias pelas rodas radiadas. Por outro lado, no *Divertimento Erudito* já se faz a diferenciação nitida entre *carro* e *carreta*, definindo-se esta como: «carruagem de

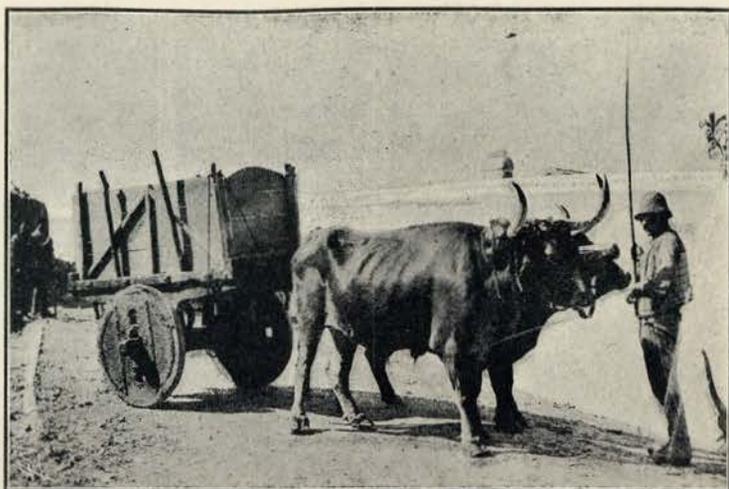


FIG. 19.—CARRO DE BOIS DE ALMOÇAGEME (SERRA DE CINTRA) (Cliché L. Keil)

carga tirada com boys, com rodas grandes de raios, á moda de sége: tem tudo o que tem o carro; mas o leito he mais estreito e com differença» (1).

Nas *Memorias Economicas*, 1790, T. II, p. 355, tambem se diz, falando-se da zinha, que «a sua madeira serve para se fazerem carros, carretas, e quasi todos os instrumentos rusticos e bellicos». E com o nome de carreta é ainda designado o carro de bois algarvio, de leito mais solido que o carro de muares, mas com o mesmo *prito* (prítico), eixo de ferro e rodas radiadas. A canga é, ahi, direita, simples, de canzís salientes superiormente, tal como succede em todo o Alentejo (2).

A carreta, de bois ou de muares, da costa alemtejana, (Grandola, Sines, etc.), que se emprega no transporte de cortiça, tem a prítica prolongada um metro, atrás, recebendo esse prolongamento o nome de *rabeira*. Nesta região sabe-se bem nitidamente a differença entre as *carretas* e os *carros cantadoiros* (de eixo de pau), que se usam *no paúl* (Alcácer).

O CARRO DA ESTREMADURA

O carro rural estremenho, apesar da vizinhança, sempre perturbadora e fremente de inovações, de uma capital, conservou até ha pouco, em alguns pontos, e conserva em muitos outros, os seus mais tipicos caracteres de primitividade:—as rodas de madeira e o grosso eixo de pau que as une e gira juntamente com elas. Na parte ocidental da provincia, entre a serra de Cintra e seus prolongamentos e o mar, quasi que só se encontra a ródá cheia; na parte ribeirinha do Tejo, porem, ela vae desaparecendo com uma velocidade desesperadora. Cada jogo de rodas cheias que se inutiliza é, invariavelmente, substituido, nessa zona, por outras radiadas.

A fórma do leito do carro estremenho é a mais simplificada de todas, a retangular.

(1) T. II, (Lisboa 1738), p. 217.

(2) Cfr. E. Frankowski—*As cangas e jugos portuguezes*, p. 8, fig. 5.

O CARRO RURAL PORTUGUES

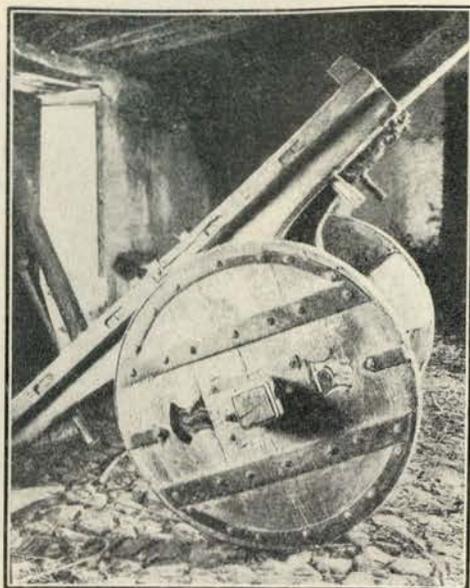


FIG. 20.—CARRO DE BOIS DA QUINTA DA PIEDADE
(SERRA DE CINTRA)

sões e peso. A força e corpulencia dos belos bois de trabalho empregados na região permitiram a adção de carros pesadíssimos. O *leito* do carro consta de um madeiro grosso e fôrte, o *cabeçalho*, longo uns 5 metros, a que nos ultimos dois quintos do comprimento se agregou uma armação quadrangular formada por travessas, as *cadeias*, enquadradas de barrotes espessos, as *mesas*, que formam os encontros do estrado. As *cadeias* são, geralmente, cinco.

Os madeiros que unem os tópos das mesas aparecem por vezes recortados de ornatos ondeados, bastante decorativos.

Estabelece-se a ligação entre o leito e o eixo, por meio de um tabuão, a *boneca*, posto de cutélo, e com altura bastante para que as rodas não passem acima do estrado, como sucede no Minho e no Douro.

Dois tóros, cravados no fundo de cada boneca, e denominados os *cocões*, formam as balisas lateraes dentro de que revoluteia o eixo, e são, portanto, apesar da sua fragil apparencia, quatro peças mestras do veículo rural.

A nomenclatura da róda é simples. O tabuão central, onde se crava o eixo, denomina-se o *meão*; as tabuas lateraes, *cambas* (na pronuncia local *caimbas*); as travessas interiores de segurança, *relhas*; os arcos de ferro de reforço externo, *meias-luas*;

E isto já de ha largo tempo. A aguarela do Rev.^o Bradford, que tem 108 anos de gravada, patenteia-nos um carro de estrada rectangular. Na gravura, ainda mais antiga, de Murphy, o leito do veículo não difere nada do dos carros atuais. Esta disposição tem, portanto, o seu passado historico, que pôde muito bem remontar até a epoca da conquista romana. Quando uma alfaia agricola não se transformou, simplificou ou embelezou durante o seculo XIX, deve, quasi sempre, ir procurar-se-lhe o modelo á antiguidade classica.

No carro estremenho ha que considerar duas variantes: o carro saloio e o carro ribatejano.

Carro Saloio—O carro saloio é usado no termo de Lisboa, alcança Torres Vedras e segue ávante, na direção das Caldas da Rainha, confiando-se decididamente entre as serras de Cintra e Montejuento, e o mar. Tem, como já apontei nas generalidades, estrada rectangular, possui rodas quasi maciças, e é sempre de grandes dimen-



(Clichés L. Keil)

FIG. 21.—O MESMO CARRO, APRESENTADO DE MODO
A MOSTRAR A ESTRUCTURA DO ESTRADO

O CARRO RURAL PORTUGUES

uma outra tira de ferro que ás vezes aparece sob as meias-luas, *travessanho*; e a ferragem que envolve o rodado da camba, o *aro*. O orificio do meão, onde encaixa a cabeça do eixo, chama-se a *mécha*, e essa mesma cabeça ou espigão, que sobresaie dez centímetros e mais da face da roda, toma o nome de *romã*.

No eixo, a parte em que assenta o arco da boneca, denomina-se *moente*, e mostra-se, com frequencia, reforçado com quatro laminas de ferro, os *gatos* do eixo.

As ródas dos carros saloios são aquelas cuja fôrma mais se aproxima das dos carros romanos atrás reproduzidos. Apresentam, aos lados do meão, umas aberturas muito pequenas, em feitio de botão, de efeitos mais decorativos que utilitarios, pois pouco aligeiram os rodados. E nisto, apenas, se diferenciam das de ha dezoito seculos. Antigamente, ainda no começo do seculo XIX, as *meias-luas* de ferro eram desconhecidas. Reforçava-se a roda com *sobrerelhas* de madeira, dispostas em cruz. Disto dão claro testemunho os desenhos de carros da Estremadura representados nas obras de Murphy e Bradford.

O *carro ribatejano* — Da vertente oriental da serra cavernosa e pouco elevada de Montejunto, até á corrente do Tejo, e ainda por largo espaço da margem esquerda do rio, o carro de bois, embora igual ao saloio na forma quadrangular do leito, difere dele essencialmente, pelo feitio das rodas. Alcanena, Torres Novas, Santarem, Tomar, Ferreira do Zezere, Alpiarça e outros concelhos, adótaram uma fôrma de rodas que, prendendo-se pelo aspéto ás dos carros do Centro, Beira e Entre Douro e Minho, se diferencia, comtudo, profundamente delas por uma particularidade de construção de que não se encontra repetição em qualquer outro ponto do país. Isto, bem entendido, nos carros em que a roda radiada não veio ainda substituir a outra, nesta feraz e progressiva zona ribatejana. Essa particularidade consiste na existencia de uma *travessa* perpendicular ao meão, atravessando os vãos da roda.

O carro ribatejano consta de um *leito* quadrangular, formado por um *cabeçalho* forte, atravessado em parte por solidas *cadeias* que o ligam ás *mesas*. O tabuão posto de cutélo que sustenta essas mesas, é, por vezes, acrescentado na parte inferior com um *calço*, onde se cravam os *cocões*.

No cabeçalho abrem-se dois orificios: um, vertical; outro, horizontal. No primeiro fixa-se a *chavelha*, que, aqui, ao contrario do que sucede no carro saloio, onde é um simples cavilhão de madeira, aparece floreada e ramuda; no segundo, passa uma correia denominada *socairo*, — entre os saloios, *passadeira*, e no Alentejo, *arrecuadeira* — cujos extremos se prendem nos dentes dos cangalhos internos. Ao cabeçalho pertence ainda uma peça de



(Cliché Mesquita de Figueiredo)

FIG. 22 — CARRO DE SANTAREM

O CARRO RURAL PORTUGUES

madeira que serve para manter o carro de pé, quando desligado da junta de bois: o *man-cêbo* ou *descanço*, a que, no Alentejo, chamam também *forqueta*.

Os tópos das cadeias que afloram na face exterior das mezas são atravessados por



FIG. 23—CARROS DA REGIÃO DE ALCobaÇA, ARMADOS DE TOLDOS, NO CIRIO DE SANTA SUZANA (VIEIRA NATIVIDADE)

cavilhas de ferro, dispostas verticalmente. Nos intervalos entre cadeia e cadeia, abrem-se, na parte superior das mesmas mezas, as *méchas* dos *fueiros*, rebordadas de *chapa* de ferro. Aos fueiros se encosta a armação quadrangular de madeira, designada por *os taipaes* ou *caixa*.

A roda do carro ribatejano, ao contrario da do saloio, é leve, com

meão estreito e grandes aberturas entre este e as *cainbas*, e apresenta parte das *cadeias* (que equivalem ás *relhas* do Termo de Lisboa) visíveis nos angulos das aberturas. *Relhas* são aqui os arcos de ferro que reforçam externamente o meão e as cambas. O meão é, por seu turno, fortificado com *gatos* de ferro. O aro da roda toma o nome de *rasto* e os pregos de larga cabeça que o seguram ás cambas, o de *pregos do rasto*. O diametro da roda varia entre um metro e um metro e vinte.

A nota característica da roda regional é dada pelas *travessas* de madeira que unem o meão ás cambas atravez o centro das aberturas. São removíveis, isto é, não encaixam nas peças a que se encostam, mas, muito juntas a elas, fortalecem e tornam mais homogêneo o rodado. Algumas delas patenteiam certa decoração rudimentar. Como se nota no desenho encantador do grande artista Alfredo Keil, com que abre este trabalho, o uso das *travessas* alcança a alta Estremadura.

A grande feira dos carros da região, faz-se em Rio Maior.

A canga (*cainga*), muito parecida com a saloia, embora mais roliça, costuma

ser de freixo ou salgueiro, é provida de *cangalhos* entalhados de *semossas*, e liga-se ao cabeçalho e á cabeça dos bois com o *tamoeiro*, as *piaças* e as *brochas* de couro. Os dois entalhes da parte superior da canga onde se ata o tamoeiro, denominam-se *cambalhões*.

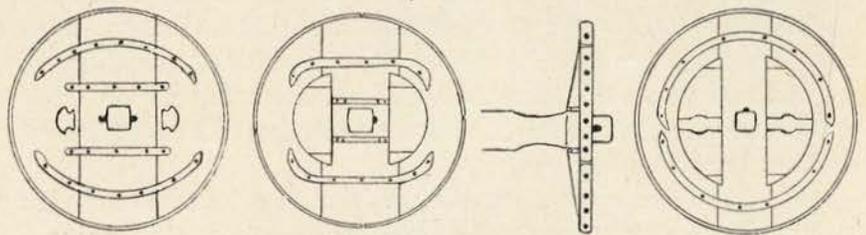


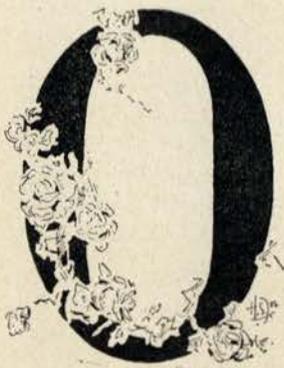
FIG. 24—1 E 2, RODAS DE CARROS SALOIOS; 3, RODAS DE UM CARRO DE SANTAREM COM «TRAVESSAS» AO MEIO DOS VÃOS

(Continúa.)

VERGILIO CORREIA.

AFEIRA DA ROSA

(MINHO)



Os lavradôres vindos do arredor á feira em aquele azulado primeiro domingo de maio creadôr, trazem, estrada fóra, com a afoiteza alegre dos movimentos e a sinceridade abençoada do sorriso, que agregam a um cavaco cerrado de passo e passo, o ar, a graça, a melhor dizer, o espirito, de quem se destina, na tradição e entre estímulos da curiosidade, ao primeiro grande arraial solheiro da Primavera que entrou.

Manhã cêdo, no caminho, a principio infantilmente alourado de sol, depois acrescentado em entusiasmos pela revelação espontanea e feminina das côres, cada camponio, com a véstia bem lançada á ombreira, e, ainda reminescente das espumas, o linho grosseiro e apregueado da camisa, entretanto que se desenrola a conversa, segue cogitando, intima e egoistamente, na malicia dos negocios em execução futura e proxima, dando de avanço, entre fumaças de amadôr e o tregeitado expressivo da vergasta queimada, á terra de lavradio que se faz mingua vencer, até que cheguem, mais descansados, primeiro, o desafoço correntio da estrada, e, alfim, o campo ardente e rugidor da feira populosa e de uma em ano.

É, no entanto, de contar-se que a canceira vem já sendo servida desde os alvôres cristãos d'aquelle dia, por fim alegrado e ardente.

Levantavam para longe as ultimas estrelas quando — gente escorreita e inquieta — se ergueram á bosteira sombria e morna da córte os gados de engorda que iam ter caminho, mal o trabalho abastasse, para a alegria pomposa da feira de Guimarães.

Lá pelas carrascas orvalhadas e floridas do monte arqueado, o primeiro reflexo de prata da madrugada punha, religioso, um resplendôr comovido e divino na alma primitiva e silenciosa d'aquelas solidões. Nem a terra, reconhecida, julgava com direito a semelhantes estímulos o sentimento carinhoso da sua humildade. Nos cabanais, presentindo, davam o alacre aviso os galos, com ganho de primicias á poesia enleada e diafana dos campanarios. E então, á porta negra dos estabulos, com a boiada em frente mugindo entre o bafo azul das entranhas essa profunda tristeza ignorada da especie, o mulherêdo nervoso e faladôr, entrando de chamar de alem ás pernas altas do gado o pannelo borralheiro e fumento sumiu prestes as saias pelos joelhos e entrou na faina, sacudindo de ali para deante, já fatigada da algazarra sem tino, o cadêlo selvagem que pernoitara de guarda ao quinteiro e se alvorçoava com o ruido miudo e singular das gentes.



A FEIRA DA ROSA

Lavaram-se as juntas a agua quente, das bostas entre que se curtiram os arnais pretos e enxurrados das córtes. Com a gaméla de madeira levada aos peitos agudos da serva estremunhada da casagem, a dona da casa, sêca, arregaçada, pertinaz, esborrachou vezes sem conta e n'uma forte scena real, contra as verilhas, o peito, as ancas e o serro herculeos dos animais imperturbaveis, o tapulho grosso, de estopa, de onde a agua, jorrando em cardas, levantava e revolvia ao redor uma fumarada alta e confusa, na canceira sem treguas.

Por fim os bois descançaram, bem escorridos da lavagem, as trompas a exalarem um bafo morno e lento á aragem esperta do dia a crescer, a iluminar-se.

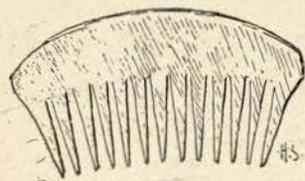
Ah! . . . então como era brando o aroma envolvedor dos tomilhos, vindo de alem o quadrado verde e adocicado das hortas!

Pelo corucho cambo dos cortiços as primeiras abelhas rompiam, miudas e ardentes como faulhas, animando de oiros a luz creada em suaves graças e grandes frescuras aureorais.

Em seguida verteu-se, com a garrafa entornada para a concha da mão, cuidadosamente, o oleo de amendoas, logo empregado, com amenidade e orgulho, nos couros vermelhos dos gados medrados e mansos. Bois havia, direitos e interrogativos, que desafrontavam o assombro ás velhas criações míticas da estatuaria oriental. Outros, interrogando de estranheza a nudez distante das colinas azuis, expressavam, numa tão humida ternura de olhar, um tão profundo sentimento de amorosidade, que a natureza e os ceus, em redor, pareciam manter com eles o espirito de um entendimento misterioso, de todo o ponto escasso ás nossas faculdades inquietas, ao nosso mundo intimo! . . .

Sentados nos escabelos de pedra, rudimentares, que entremeavam as grandes portadas vermelhas da córte, moços, alegres rapazes encamisados, mergulhando um trapo na agua barrenta do alguidar forneiro, terminavam o areamento e limpeza das campainhas e fivelas de metal das grossas, pesadas coleiras de sola, á mourisca.

E já os bois se adornavam, a termos de nos lembrarem o jubiloso *Boi bento* da procissão medieva de *Corpus*.



A pelaria luzentava-lhes de oleo, antes corrido á mão, com esmero e carinho, por essas incomparaveis mulheres açodadas do lar minhoto.

Alegrando o recinto do eido, em repiques barbaros que faziam sorrir de imprevisto o povilheu caseiro, cantavam ao movimento ingenuo das cabeças do gado as campainhas de oiro e os guizos travessos.

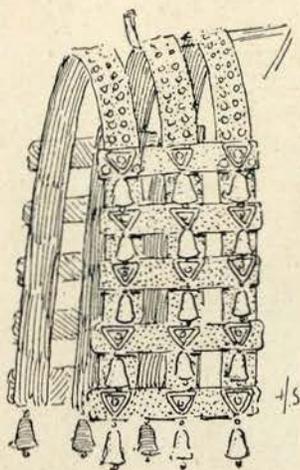
Nos intersticios das fivelas ajustaram-se os ramos brancos de sabugueiro; e ao de cima, em remate, cercando as hastes, uma corôa de rosas vermelhas, pagã, premeou por fim cada animal — tal como, antigamente, para um sacrificio; tal como, entre o rumor popular, para um cortejo hierarquico, sobre funchos cheirosos ou reverberantes areias côr de fogo!

*

Lindo sol, lindas estradas, e um tempo de amôres, esse maio.

Rompiam as videiras pelas hastes de cerejal; cada muro era um longo e acaramanchado bazar de flôres; estoirava a luz crua sobre a poeira dessas primeiras grandes jornadas; os altos ceus, azues e quietos, refletiam-se a um tempo com vigôr e frescura.

A FEIRA DA ROSA



E os bois passavam, nédios, pesados, o couro a transpirar e a alagar-se de rosas.

Arqueando do peito, pelas garras do sol que se lhes feravam nas «vistas» de baeta do costeadado do colete, os campônios, enliseirando o chapéu, sentiam envidraçarem-se-lhes de marasma os olhos, proseguindo, palmilhando maquinalmente a estrada...

Em redór, na paisagem, eram os montes cinzentos que se alcantilavam mais e mais, para onde o ceu. Em baixo, nos lavrários, as cearas que penujavam, tontas de viço e alegria. Viam-se as aguas, nas lagoas, tranquilas e reverberando como espelhos. Dos muros sujos, pendiam, num sentimento vivo de mocidade, os frescos rosais bravios. Com a somnolencia das séstas, os pégos verdes alongavam-se docemente na sombra. Iam e vinham aves, brincando. Ao longe, e onde quer, arredondavam os laranjais, mordidos da ferrugem. Agasalhados no corcovado das encostas divisavam-se, áquela hora lenta dos afazeres da merenda, embandeirados a fumo, os casais quadrados e vermelhos. Rentes dos muros encontravam-se os gados, vindos, com mansidade, de beber nas grandes poças natadas, entre os lameiros. O sol mirrava, que nem lume; e enquanto a poeira revolvoía, voava a instantes, alongavam-se ao alto sobre a estrada os generosos pinheiros mansos, e era perene, abençoado, o enlevo do ceu!

Mas em baixo, ao dobrar barulhento de um povo, surgiu a Cidade, num paraíso de verduras — antiga e religiosa, centenariamente mordida dos tempos e toda agasalhada e protegida pela castelaria inumeravel das torres.

Atravessando os caminhos arvorecidos, as praças populosas, as ruas tortas e frescas, os gados festivavam com as coleiras ressoantes o dia alegre de mercado.

Por fim, num campo raso, além o castelo mutilado e triste, apareceu a algaria do povo. O forte alvoroço da enorme clareira pesadamente enquadrada a australianas, estuando de todo o sol, sacudindo-se, desdobrando de todas as conversas, é facil de concluir que produzia um espetáculo feliz, pelo movimento, o colorido, a graça e o seu admiravel, saboroso caracter regional.

Nas tabernas vendem-se petiscos, nos entoldados de linho a doceria, pela feira as limonadas, mas os gados não, ninguém vende o seu gado de engorda, uma junta, duas, quatro e mais, estimadas de um ano para o orgulho do bazar, no mercado «da Rosa».

Ambiciosos e arrastando o peso de um abdomen formidavel, convidando para o vinho os ingenuos, fixando os olhos gulosos no gado de conta, os marchantes da cidade, desde manhã, vistoriavam a eito a feira, dando razões. Inutil, porem. Lá os animaes estão por enquanto isentos do negocio, como em casa o grilhão da mulher do camponio, o capote de pano azul, os linhos em peça da caixa da limpeza, a viola de descantar, o *double*, o catre antigo, e os brincos velhos de «cabaço».

Quem deseja gosar não tem que pagar coisissima nenhuma. Até aí, como o outro que diz, tanto monta. Escolheram-se os animais de melhor raça, e a



A FEIRA DA ROSA

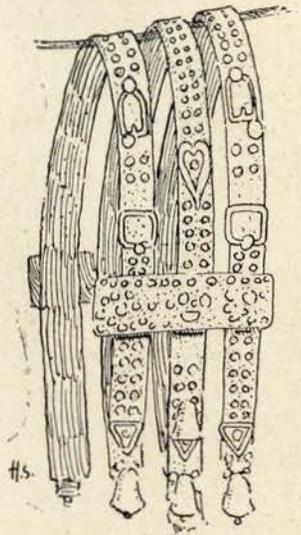
mais os que nutriram de melhor gosto: toiras ameladas e traquinas, bois côr de açafão e grandes como as almas do outro mundo, vacas barrozãs, frescas, mimosas e de uma brandura de olhar tão maternalmente sentida, que dilue, de emoção, as pedras duras... Então, se maio veio — maio, mez dos «clamôres» e de Maria — flôres não faltam, nas corôas e coleiras do gado, á maneira dos romeiros na aguilha dos varapaus, na lapela das jaquetas afitadas, e em cima mesmo, no laço largo do chapéu, ora de pano negro debruado, ora de castôr côr de bronze, evocando os arraiais.

Aos quatro angulos do campo tumultuoso e alegre — entre cuja multidão os guarda-sois com barra, de pano azul e vermelho, põem uma viva nota típica, rodopiando ao sol — aos quatro angulos, dizia, acampam os taberneiros, de barraca entoldada a linho grosso, a pipa no carro, e sobre as prateleiras improvisadas os pratos de aletria com canela, as travessas de bacalhau frito, os açafates grossos, pesando de trigo de cantos, para negocio.

Baccho, as calendas, o luxo dos gados, as cearas que ourelam com viço, a alforria do domingo e a bôa fraternidade de um homem (tudo isso por cinco reis de despeza) influem o lavradôr a tocar com verdadeira emoção a caneca do companheiro e prestes, voltando para a feira os olhos de alegria, passando revista ao «laço», á acidula perfumada do vinho velho, sorver com orgulho, a um resfolgar lento da guela, dois quartilhos, medida antiga, de um «padre-nosso», de um trago.

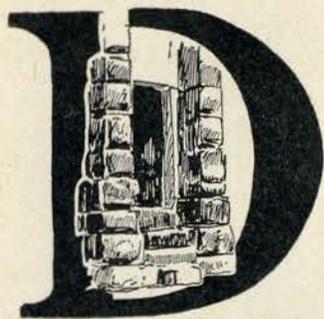
E esta é a feira chamada «da Rosa», que tem logar no primeiro domingo de maio —mez essencial dos rosais — a qual de boamente considero digna do meu afêto e da minha alegria, visto que resulta a feira mais guisalhada, mais florida e menos egoista que o bom sol de Deus embeleza em todo o mundo feiral.

ALFREDO GUIMARÃES.



LUSITANOS FÓRA DA LUSITANIA

I — O ARQUITECTO C. SEVIUS LUPUS



A vasta galeria de artistas naturais de Coimbra vamos mencionar mais uma brilhante figura, que até agora não tem saído dos dominios da pura erudição, conservando-se desconhecida da grande maioria dos seus conterraneos e compatriotas.

Nos arredores da Corunha, a dois kilometros pouco mais ou menos das ultimas casas da cidade, na direcção do Este, está situado o farol chamado «Torre de

Hercules», sobre um promontorio rochoso, em que batem as ondas alterosas do Atlantico. Uma inscrição romana, gravada na rocha viva, junto ao soberbo monumento, diz-nos o nome do seu constructor: — o architecto aeminiense lusitano C. Sevius Lupus (1).

E' um facto incontroverso, depois da publicação dos eruditos trabalhos de Filipe Simões (2) e Borges de Figueiredo (3), que o primitivo nome da actual cidade de Coimbra foi *Aeminio*, mencionado na *Historia natural* de Plinio, na *Geographia* de Ptolomeu e no *Itinerario de Antonino*, durante o pe-

(1) *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 2559. Cfr. 5639.

(2) Filipe Simões—*Alguns passos n'um labyrintho. Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve*, in *Portugal Pittoresco*, Coimbra, 1879, reproduzido nos *Escriptos diversos* do mesmo A., Coimbra, 1888, p. 15-33.

(3) Borges de Figueiredo — *Oppida restituta — As cidades mortas de Portugal. Eminio (Coimbra)* in *Bol. Soc. de Geog. de Lisboa* 5.^a serie, 1885, p. 67-92; *Conimbriga (Condeixa-a-Velha)*, in cit. *Bol.* p. 589-603; *Um monumento de Aeminium*, in *Revista Archeologica*, II, Lisboa, 1888, p. 66-68 e 125.

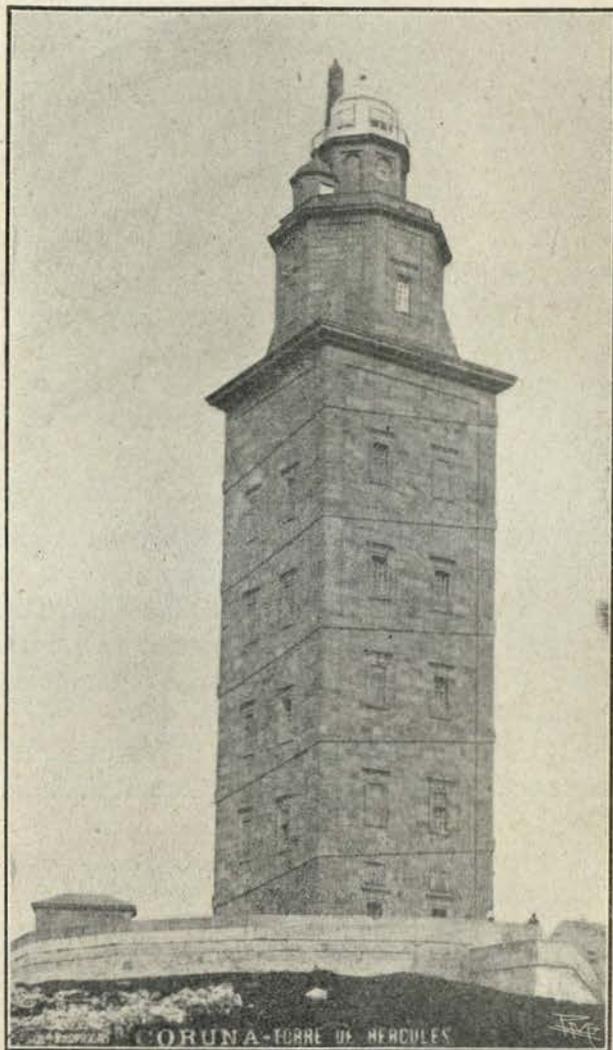


FIGURA I

LUSITANOS FORA DA LUSITANIA

riodo classico, e, na idade média nas actas de vários concílios da igreja espanhola, no *Chronicon Gothorum* ou *Albeldense*, e, nas moedas de quatro réis visigóticos: Recaredo, Liuva, Sisebuto e Cintilla, pertencendo o nome de *Conimbriga*, à cidade cujas ruínas ainda hoje existem em Condeixa-a-Velha (1).

Não pôde restar duvida que a actual cidade de Coimbra já na época lusitano-romana teve entre os seus illustres filhos um *arquitecto*, que era, como diz E. Caillemer, um artista

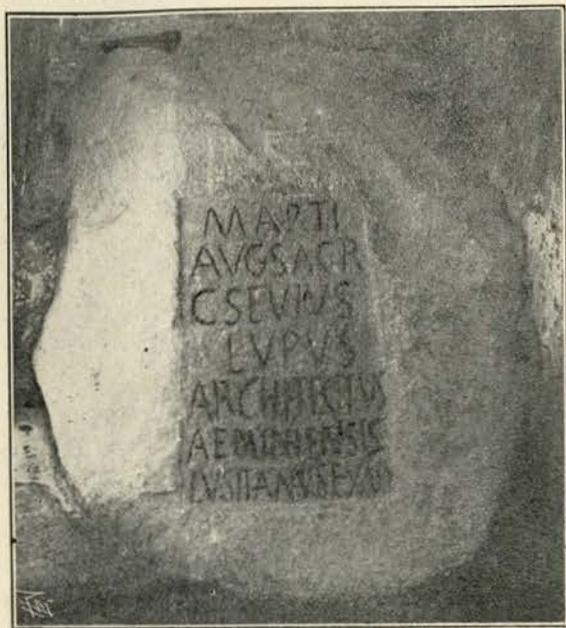


FIGURA 2

chefe que tinha debaixo das suas ordens operários de diversas profissões e presidia à execução dum edificio publico ou privado de que ele tinha primitivamente concebido as principais disposições e traçado os planos ou dado o modelo, e que esse aeminiense illustre construiu um monumento grandioso, cujos restos ainda hoje se admiram, e acerca do qual escreveu *Orosio*, historiador natural da Península, que viveu na primeira metade do século v de J. C.: ...*altissimo farol, obra memoravel entre as poucas da sua classe, levanta-se a tal altura, que pode servir de atalaia para observar a Britania* (2).

Manuel Murgia, o classico historiador da provincia da Galiza, estribado unicamente no nome por que é actualmente conhecida a ruína do farol «*torre de Hercules*» pretende que a «*sua construção é muito mais antiga*» devida aos feni-

cios (3), mas o argumento não tem valor porque esta denominação é manifestamente de origem literária, e a inscrição votiva do architecto seu construtor, que Murgia não soube ler, não deixa logar para duvidas.

Já no século xviii o sabio arqueólogo D. José Cornide, classificou muito justamente o monumento como construção romana (4), e o dr. Emilio Hübner, o grande epigrafista alemão, que admiravelmente conhecia as antiguidades romanas da Península, não exitou tambem em o datar dessa época (5).

A «*Torre d'Hercules*» (fig. 1) foi restaurada no seculo xviii, ficando a obra romana conservada no interior da construção actual. A linha em espiral marca a disposição em que

(1) A. Vasconcellos, *Aeminium (Coimbra)* in — *O Instituto*, 43, 1896, p. 215-222 com estampa.

(2) *Orosio, Adversum Paganos*, II, 2, liv. II, c. 2.

(3) M. Murgia — *Historia de Galicia*, Lugo, 1866, I, p. 537; II, p. 90-91 e 563; *Galicia, in España sus monumentos y artes, su naturaleza é historia*, Barcelona, 1888, p. 127-128.

(4) D. José Cornide — *Investigaciones sobre la fundacion y fábrica de la torre llamada de Hercules*, etc. Madrid, 1792.

(5) Dr. Emil Hübner — *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, in *C. I. L.*, II e *Supplementum* p. 357, e, n.ºs 2559 e 5639; *La arqueologia de España*, Barcelona, 1888, p. 107 e 235.

LUSITANOS FORA DA LUSITANIA

estava a subida exterior para a torre primitiva, que apenas se eleva até á cornija do primeiro corpo. Para cima é obra nova assentando sobre a romana (1). A pequena casa a esquerda resguarda a inscrição aberta na rocha viva (fig. 2). Esta inscrição, cujos caracteres são do principio do seculo II, opinião de Hubner confirmada pelo sabio Fidel Fita, foi assim interpretada por este eminente epigrafista espanhol: — *Consagrado a Marte Augusto. Ex-voto de Cayo Sevio Lupo, arquiteto, natural de Eminio, na Lusitania* (2).

Nas visinhanças da «Torre d'Hercules», encontram-se dois rochedos com gravuras pre-historicas, estudadas pelo conhecido arqueólogo espanhol D. Juan Cabré y Aguiló (3).

Para desejar seria que a cidade de Coimbra, legitimamente orgulhosa em possuir entre os seus filhos illustres tão notavel artista, desse o nome dele a uma das suas novas ruas ou praças, esclarecendo numa lapide que C. Sevius Lupus, natural da cidade, foi o architecto do célebre farol da Corunha, construido na época romana.

2 — O «EQUES» T. CLAUDIUS CILIUS

No Museu archeologico de Constantina, em Alger, existe uma lápide tumular (fig. 3) muito notavel, que foi consagrada por duas libertas suas a T. Claudius Cilius, *eques lusitanus*, da ala dos Pannonios, que morreu aos 45 anos de idade, tendo 27 de serviço militar.

Foi encontrada no antigo Pagus Phuesium, a moderna povoação de Ain-Phouwa, no Chettabá, e, publicada já por várias vezes, uma das quais no C. I. L., VIII, 1.^a parte, n.º 6309 (4).

A lápide cujos caratêres revelam pertencer á época de Claudio (5), parecida a outras do I século encontradas nas margens do Rheno, é superiormente decorada com um baixo relevo que representa um cavalleiro montado num cavallo a galope, trespassando com a lança um ini-



FIGURA 3

(1) As fotografias que ilustram este artigo foram-me oferecidas pelo meu illustre amigo, D. Federico Maciñeira Pardo, de Ortigueira (Corunha), notavel archeologo regionalista, e pertencem hoje ao meu venerando mestre e eminente sabio, o sr. Antonio Augusto Gonçalves, director e fundador do muzeu Machado Castro, em Coimbra, a quem as ofereci.

(2) *Bol. da R. Ac. de la Historia de Madrid*, 58, 1911, p. 231-232.

(3) *Los grabados rupestres de la Torre d'Hercules* (La Coruña), in *Revista de los archivos, bibliothecas y museus*, 1915, XIX, t. 32, p. 450-466.

(4) Hinglais, A' propos du cippe de T. Claudius Cilius, in *Recueil des Notices et Memoires de la Société archéologique de Constantine*, XXXIII, 1899, Constantine, 1900.

(5) Dr. Emilio Hübner — *Exempla scripturae epigraphicae latinae. A Caesaris dictatoris morte ad aetatem Justiniani*, Bero- lini, 1885, p. 76.

LUSITANOS FORA DA LUSITANIA

migo, caído por terra e coberto, em parte, com um escudo redondo, do qual sobresaem a cabeça, as duas pernas e a lança, procurando proteger-se, com o escudo, da lança do cavaleiro, e retribuir o golpe com que elle proprio está ameaçado.

Ocorre agora interrogar como foi este lusitano morrer ao pequeno *pagus* da longínqua provincia da Numidia, incorporado no exercito romano, na ala dos Pannonios?

Roma, como já tinha feito Carthago, em cujo exercito do grande Anibal militaram hispanos (1), desenvolvendo uma habil politica, aproveitou as admiraveis aptidões guerreiras dos povos peninsulares incorporando-os como auxiliares no seu exercito, mas fazendo-os servir longe das provincias d'origem. Atingia assim um duplo fim: — obtinha auxiliares valiosissimos e enfraquecia regiões onde o seu dominio triunfava apenas pelo grande poder d'assimilação do espirito latino.

Mais tarde, o exemplo foi seguido tambem, com optimos resultados, em relação a Portugal, pelos Filipes usurpadores e pelo génio guerreiro de Napoleão, que fez organizar a *legião lusitana*, a qual, além da campanha da Russia, fez a da Austria, tomando parte como elemento d'importancia na célebre batalha de Wagram.

Na época romana, reconhecem-se, pelo menos, sete coortes de Lusitanos, os quais tambem militaram entre os pretorianos da propria cidade de Roma. Em outros corpos que se não compunham exclusivamente de hispanos, sobretudo nos de cavalaria, houve individuos naturais da Peninsula, como nas alas dos Gauleses, dos Trácios e dos Pannonios.

E' pertencendo a este ultimo corpo que vamos encontrar o lusitano T. Claudius Cilius, que, juntamente com outros soldados legionários de infantaria e cavalaria, cujos epitáfios tambem foram encontrados, fez parte da guarnição da pequena praça de guerra, a que as inscrições chamam, ora simplesmente *pagus*, ora *castellum*.

Mas, de todos os monumentos tumulares lá encontrados, este é, como justamente diz Gustavo Boissière, o mais orgulhoso (2).

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.



ARTE ESPANHOLA

Berruguete y su Obra, por Ricardo de Orueta: — A Casa Editora Calleja acaba de publicar mais uma obra notavel, um livro de Arte que honra a sciencia e a critica de arte do paiz vizinho.

D. Ricardo de Orueta, um escritor consagrado, dedica á vida e á obra de Berruguete um grosso volume, acompanhado de uma tradução em francéz e de 166 esplendidas fotogravuras, onde todas as maneiras e os trabalhos do grande escultor são reproduzidas com cuidado e amor.

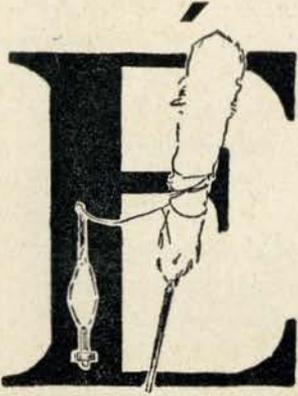
As celebres esculturas do retabulo de Olmedo, do Museu de Valladolid, do côro de Toledo, da Catedral de Cuenca, da igreja de S. Paulo de Palencia, etc., são descritas neste livro com fidelidade e competencia.

E' conveniente notar que este artista nasceu em 1486 e morreu em 1561, decorrendo a sua vida, portanto, numa das épocas mais interessantes da evolução da arte espanhola. Quem sabe se a nossa Renascença não lhe deverá alguns dos belos trabalhos espalhados pelas vilas e cidades portuguezas, mais chegadas a Espanha?

(1) *Polybio* — *Historia*, liv. III. c. 33.

(2) Gustavo Boissière, *L'Algérie romaine*, 2.^a edição, 2.^a parte, Paris, 1883, p. 459.

AS TECEDERAS DE ARNEIRÓZ (LAMEGO)



um dos louváveis fins da illustrada revista — *Terra Portuguesa* — memorar, reviver, archivar e desenvolver o gosto e estima pelas nossas industrias caseiras, que são outros tantos monumentos do sentimento artistico do povo portuguez, cultivado sob as mais variadas fórmãs, quer no fabrico de louças, quer no de tecidos, assim de linho como de algodão, de lã e de esteira.

Logo no 1.º n.º se chamou a attenção dos homens illustrados e de sentimentos patrioticos para a necessidade de fazer resuscitar tantas *industrias caseiras* femininas, que o moderno industrialismo, com sua variada e aperfeiçoada machinaria, tendia a enfraquecer e abafar, até total extincção.

Este appello fazia-se na *Chronica*, a proposito das duas exposições de trabalhos femininos que se encontravam, então, abertas em Lisboa, nas quaes sobresahiam as rendas de Peniche e Villa do Conde, além de bordados e tecidos d'outros pontos da provincia.

A' intelligente iniciativa da familia Bordallo Pinheiro se deve não só a resurreição e perfeição da industria das rendas de Peniche, senão tambem a das louças das Caldas da Rainha. Em outros pontos, porém, o definhamento das industrias caseiras é visivel e muito sensivel, caminhando estas a passos largos para a sua total extincção.

Uma prova frisante d'isso, temol-a tambem no que ocorre na povoação suburbana de Lamego, chamada Arneiróz.

A sul de Lamego e distancia d'uns 3 kilometros, está situada, na parte superior da encosta do monte que fórma a margem esquerda do rio Balsemão, a freguezia de Arneiróz, a que tambem dão o nome de Villa Nova do Souto d'El-Rei. E' povoação antiga, não muito populosa: foi *couto* dos bispos de Lamego, com a categoria de *villa*. Extincto o *couto*, perdeu a categoria de *villa*, ficando reduzida a *aldeia*. Nunca teve *foral*; mas o *couto* vinha-lhe desde o tempo do rei D. Diniz. O parcho era vigario collado, da apresentação da Mitra, tendo a congrua de 1007000 réis. E' freguezia de ca-



FIG. 1 — ARNEIRÓZ — COBERTA DE ALGODÃO

AS TECEDERAS DE ARNEIROZ

saria pobre, como, e em geral, pobres são seus moradores, que vivem do amanho das terras que arrendam ás principaes familias, proprietarias de grande parte dos terrenos.

Além da casa solar do Visconde d'Arneiróz, fallecido, e hoje pertencente ao filho mais velho sr. Antonio Pinheiro Osorio, vê-se lá uma casa nobre aonde nasceu e morreu o Bispo do Porto, D. João de Magalhães Avellar, que foi Lente Cathedratico da Universidade de Coimbra, e depois sagrado Bispo do Porto em 29 de Junho de 1816.

Quando em 9 de julho de 1832 os liberaes entraram no Porto, o Bispo do Porto fugiu para a Regua, onde adoeceu, subindo a Lamego, e dirigiu-se d'aqui á sua terra natal, Arneiróz, onde se conservou doente, vindo a fallecer aos 18 de maio de 1833. Jaz na capella-mór da Sé de Lamego, no jazigo dos Bispos. Era muito instruido e apaixonado por livros, chegando a reunir uma das melhores bibliothecas particulares, avaliada em 70 contos, livraria que os herdeiros venderam por 24 ao governo, que, com ella, formou o melhor nucleo da actual importante *Bibliotheca do Porto*, installada na casa ou convento que foi dos Padres do Oratorio a S. Lazaro. Apesar de não ter 50 fogos a povoação d'Arneiróz, contavam-se ali, annos atraz, umas 40 ou mais tecedeiras de *cobertas*, *toalhas* e *guardanapos* de linho e algodão.

Hoje não vão muito além de meia duzia, e só umas duas é que proseguem, mais ou menos assiduamente, no exercicio d'esta outr'ora florescente industria caseira. Sobretudo as *cobertas de linho* ou *algodão* eram muito apreciadas pela perfeição e gosto da variedade dos desenhos.

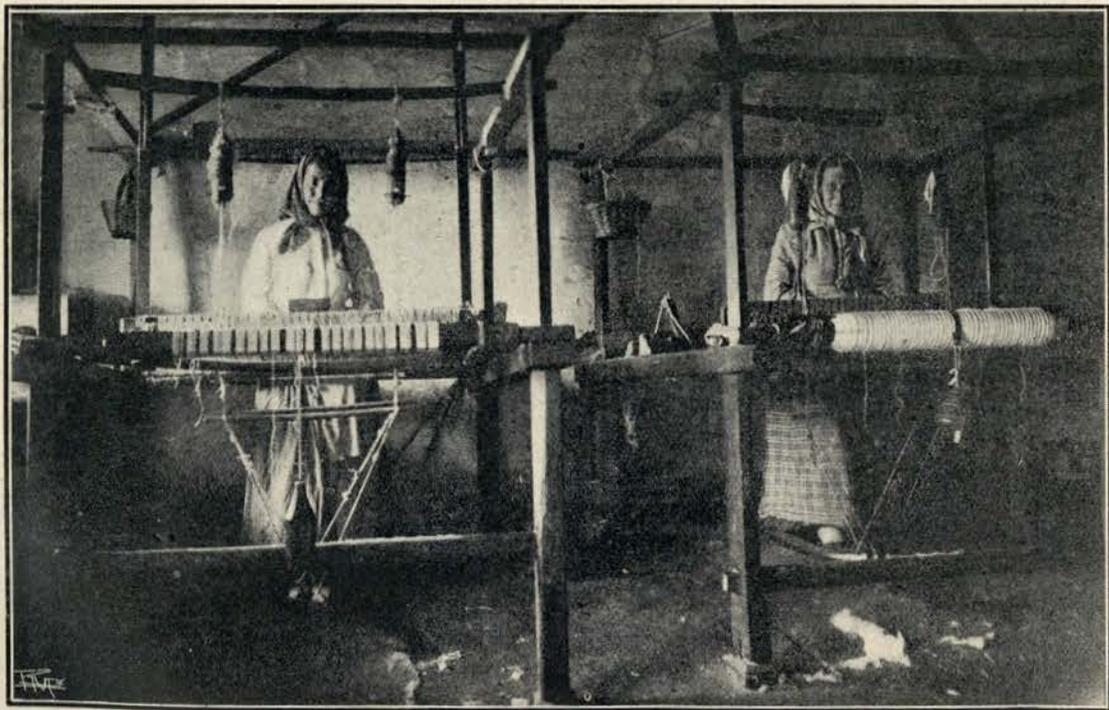


FIG. 2—TECEDEIRAS DE ARNEIROZ NO TEAR. Á ESQUERDA, GUILHERMINA DO PATROCINIO; Á DIREITA, MARIA CONCEIÇÃO, QUE PASSA POR MESTRA NA CONFECCÃO DE LINDAS COBERTAS E TOALHAS

AS TECEDERAS DE ARNEIROZ

Levado e estimulado pelo interesse que a auctorisada revista *Terra Portuguesa* tem despertado pelas *industrias caseiras*, n'um dos ultimos dias de junho fui de longada até Arneiroz para, de perto e de *visu*, analisar melhor a situação d'esta industria caseira que tende a extinguir-se, pois é rara a rapariga que agora queira aprender o officio.

Teares e accessorios é tudo mais ou menos primitivo, sendo de pasmar como de instrumentos tão imperfeitos saiem obras tão bem acabadas, como se pode vêr na figura n.º 1, em que se divisam lindos motivos cercado uma *corôa real* e a data 1899. A photographia n.º 3 reproduz uma *coberta felpuda*, que, ainda que singela e grosseira, é tambem muito decorativa. Outros desenhos e variados padrões de lindo gosto lá faziam; como porém a obra falha, acham-se elles reduzidos. Antigamente o preço de uma coberta regulava por 5 a 6.000 réis; hoje é de 10 a 11.000 réis.

Dantes, quando funcionavam os seus 40 teares, era para ver e sentir agradaveis sensações, caminhar pelas estreitas ruas da povoação e ouvir o *tic-tac* dos teares batendo de todos os lados, com acompanhamento de suaves e expressivas cantigas em que

florescia a musa popular. Hoje reina o silencio na emudecida povoação: as moças que outr'ora agitavam os teares e continuavam a tradição artistica da bella industria caseira, occupam-se nos grosseiros trabalhos do campo, em que se desprimoram e afeiam.

Encontrei lá a tradição de que a actual viuva, Ex.^{ma} Sr.^a Viscondessa d'Arneiroz, que me dizem residir em Lisboa, déra ali nome, e criára fama da mais bella tecedeira d'Arneiróz, d'onde é natural.

Foi com tristeza que vi tanto tear emudecido, tanta arte abandonada, e tanta fonte de riqueza estancada e em perigo de extinguir-se, como a industria similar das *cobertas de Urros*, de que me falou a *Terra Portuguesa* em seu n.º 1.º Por este caminhar tempo virá, e não longe, em que até a memoria das tecedeiras se apagará em Arneiróz. . .

Bradem, e bradem bem alto os directores da *Terra Portuguesa*, em favor da ressurreição das nossas industrias caseiras, assassinasdas pelo industrialismo mechanico, destituído d'aquelle sabor artistico e poetico, deixem-me dizer assim, que se encontra em toda a mão d'obra caseira e popular!

Lamego-Julho de 1917.

VICTOR OLIVEIRA.

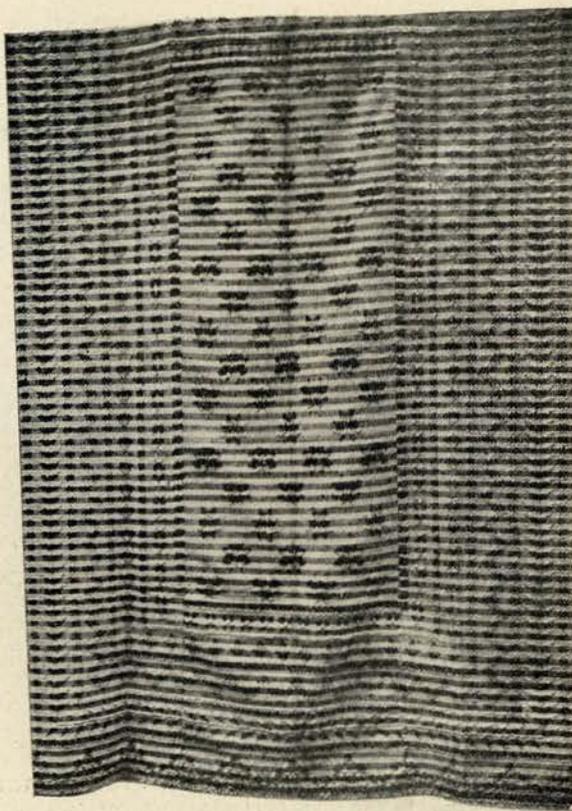


FIG. 3.— COBERTA FELPUDA, POLICROMICA. A ORNAMENTAÇÃO APRESENTA O ESTILO DOS TECIDOS DO FIM DO SEculo XVIII

O TEMPLO DAS SIGLAS

(A IGREJA DA ERMIDA DO PAIVA)

I

O TEMPLO E A PAISAGEM

«Mais nul ne se défend du charme infini de l'église solitaire, soit qu'au dehors les cigales tambourinent leur hymne au soleil, soit que les ombres grises se lèvent comme des fantômes, d'arceau en arceau. La vieille église possède une éloquence irrésistible que ne se limite, ni par des formules abstraites, ni par des ordonnances comminatoires ou policières; la vieille église dit des choses simples, substantielles et d'autant plus vraies que les formes ne mentent pas comme les mots, et que la ligne architectonique convient au mystère par la dignité de sa précision matérielle et l'immensité de sa synthèse.» — Péladan: *Nos Églises*.



UMA despertante madrugada de Abril, nas férias da Páscoa de 1916, abalei do Porto para as terras da Beira-Alta, seguindo a linha do Vale do Vouga até Vizeu, onde tomei logar num automovel de carreira que me levou a Castro Daire. Aqui passei a noite e logo ás seis da manhã do dia seguinte dirigi-me á freguesia da Ermida do Paiva, termo da minha desejada peregrinação á velha reliquia românica de um mosteiro venerando, memorado hoje pela silharia elegante e sóbria de um templo que ficou pelos anos fóra a desafiar os séculos e a vida passageira dos crentes, cujas orações nele se vão reunir em cânticos e palavras de santa e ingénua fé.

Constituiu para mim esta viagem um roteiro querido, onde tantas e tantas impressões de luz e côr ficaram enaltecidas em saudades e em desejos de a voltar a repetir, acompanhado das francas e boas almas que então me receberam e que compreenderam comigo o entusiasmo pela velha e remota documentação do nosso passado religioso e artistico.

Parti em plena primavera: a terra vivia animada pela magia cromática de translucidos tons, enobrecida pela magestade sóbria dos granitos, que o sol acariciava, num cálido enleio. E nesta comovida romagem á santa reliquia de uma arte que passou, os meus sentidos viveram num alvoroçar constante, intensificados pelas impressões vívidas, inéditas, de uma sucessão de horisontes sempre novos em elementos decorativos, em esculturas de múltiplos e selváticos contornos, modelados pelo escopro caprichoso de um grande artista obedecendo a si próprio, á fatalidade do seu génio, ao tumultuar de cachoantes paixões.

A natureza estava na sua estação de resurgimento, e por toda aquela região havia a estuante alegria espalhada pelo natal das flôres e pelo reverdecimento dos arvoredos, que começavam a espalhar sombras brandas e acolhedoras. E os leitos do rio e das ribeiras iam cheios de agua benéfica a correr, a saltitar, a despenhar-se por entre rochedos, uns talhados em fórmãs vivas de arestas cortantes, outros deslisantes e aplainados como aras de heca-

O TEMPLO DAS SIGLAS

tombes enormes, para ali abandonadas pela morte dos sacrificadores, ou então caindo espumante dos açudes sobre as marmitas fundas e esverdeadas de limo, a trasbordar como taças de capitosos vinhos.

Romeiro das velhas coisas de arte, sinto por elas maior entusiasmo quando as cêrca um ambiente que com elas comungue e se identifique em conjunção scênica. Assim, esta viagem á Ermida do Paiva teve para mim esse prólogo magnifico no caminho que segui tomando a linha do Vale do Vouga: são aspectos e aspectos sempre novos, de um cromatismo variado e criador de sucessivos quadros que se estendem de monte a monte, destacando-se em opulencias inadivinhadas pelos que vivem na engrenagem quasi mecânica das grandes cidades, fazendo parte integrante do seu bulicio contínuo e fatigante. Esses não calculam, não, o que vive nos rincões da Beira e de outras províncias portuguesas, onde a força das necessidades urbanistas mal despontou ainda. Merece a pena viver no quotidiano da cidade para depois sentir mais entranhadamente a paz dulcificante da planície, a energia da montanha, a voz das coisas, o canto esparso das aves que erram ás revoadas pontilhando o céo, espargindo a alegria dos seus chilreios de colina para colina, de arvore para arvore, de remanso para remanso.



FIG. 1 — A IGREJA DA ERMIDA DO PAIVA

Não queria isolar o *Templo das Siglas* do meio onde piedosos monjes o fôram erguer na oração que o seu estilo simples e elegante representa.

De Castro Daire, senhora out'ora de castelo e nobreza, e hoje apenas de tradições já esbatidas, marchei para a Ermida, situada a uns seis kilómetros ao sul da vila, pela estrada nova em construção ainda, até a uns atalhos que me levaram lá, ancioso por admirar o monumento de cujo estudo a amizade de Vergilio Correia me encarregou.

O atalho subia sempre, umbrado dôcemente pelas árvores que naquele inverno enfiaram as raizes com água das chuvas copiosas. E o caminho torneava o monte numa ascensão suave, aqui ou ali interrompida por pedregulhos escorregadios, até que, de um alto, logo avistei a sineira e o telhado da igreja da Ermida, depois a parte superior da abside, onde a minha curiosidade distinguiu de longe um capitel cuja historiação me interessou muito no decorrer do estudo. O atalho desceu então e eu passei pelo cemitériosinho da freguezia, um recanto humílimo de saudade que me afagou, e logo a seguir os meus passos seguiram de perto o lado norte do templo, passando por fim diante da sua frontaria altaneira a dominar o

O TEMPLO DAS SIGLAS

vale onde corria sonoro o Paiva, que naquela hora madrugante começava a oferecer scintilações como se no seu leito houvesse a riqueza de preciosas pedras facetadas.

Neste momento só se ouvia a voz das coisas, avultando o marulhar das águas inquietas a seguir o curso escolhoso por entre árvores que se dobravam a fitar-se no espelho movediço. E antes de chamar alguém, o meu olhar descançou a fitar a reliquia para ali repousada na beatitude e no quebranto de uma paisagem entre montes, logo de manhãzinha doirada pelo sol levante que, depois, pelo dia todo, beija devotamente aquele arcaz da sua devoção.

.....
O Sr. Abade não se fez esperar, aparecendo daí a instantes a cumprimentar-me familiarmente, a oferecer-me os seus serviços que logo aceitei, ali, naquele logar, onde a grande casa é a moradía de Deus sempre vigilante na sua medieva altanaria. O meu agradecimento foi um apertado abraço, e logo começamos a falar como amigos de muitos anos. Não esqueço as atenções recebidas! Confesso: estes primeiros dias passados junto da igreja fôram apenas instantes de emoção em que não raciocinei friamente mas em que vi tudo pelos olhos da alma, numa anciedade de perscrutar o segredo das pedras, de visionar o monu-

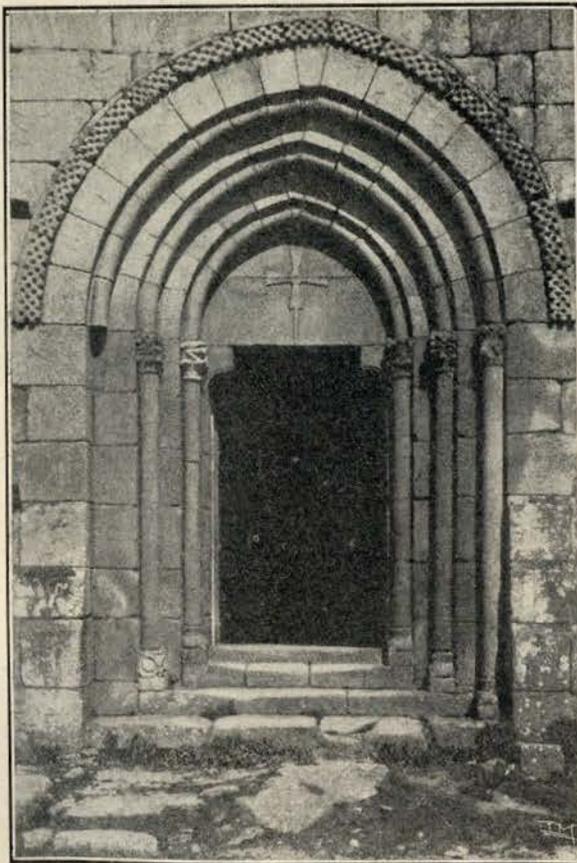


FIG. 2 — IGREJA DA ERMIDA. PORTA PRINCIPAL

mento no labor da sua construção, com os alvenois a siglar a cantaria sóbria, depois a benção do mosteiro por entre hossanas a ecoar no vale, entoadas pelos premonstratenses hieráticamente trajados de sobrepeliz e murça branca, a morte do venerando fundador Roberto afagado entre ladainhas e prantos de saudade, a vinda do Rei Trovador acompanhado do seu sequito de familiares e dos seus homens de justiça... e toda esta série de quadros me passou pela imaginação exultante de carinho e preito pelo monumento que a sete passos de mim se levantava como um padrão imortalizador de feitos cristãos, nunca a ninguém contados, ou porque a tradição se obliterára da memória dos homens, ou porque as pedras os queriam guardar no segredo e na perpétua irrevelação, até que algum iniciado digno deles aparecesse a desvendá-lo a crentes.

O Sr. Abade mandou abrir a porta principal do templo e ambos entramos na suavíssima penumbra ha momentos despertada pelo santo sacrificio da missa celebrado quási ainda de noite, bem á luz irrequieta das velas e do lampadário

O TEMPLO DAS SIGLAS

a tremular do alto da abobada protectora. E o meu entusiasmo continuou a visionar imagens, a desenhar para mim águas-fortes onde os vultos dos monjes cantores e dos outros celebrantes se dispunham em teorias de litúrgico cerimonial á volta do altar, com a ara elegantemente pousada sobre um colunelo decorativamente singelo.

Lá fóra o tilintar dos chocalhos de um rebanho que descia para as bandas do Pinheiro chamou-me á realidade, e comecei então a vêr, mas sentindo sempre o arcaico encanto da igreja, do que eu chamei o «Templo das Siglas», pois quási não ha pedra que não apareça timbrada pelo canteiro com desenhos de traço simples, mas vincado, nos silhares, colunas, aduelas, fechos: — é o sino-saimão, é a espiral, a chave, o triangulo simbólico, o resto de um hieroglifismo cabalístico que de longe veiu até ás terras occidentais.

E assim se passaram perto de duas horas em contemplação, em recolhimento visionante onde singraram sombras distantes.

*

Depois do almoço em casa do Sr. Abade, servido com uma lhaneza reconfortante e para mim tão grata, iniciei os meus trabalhos tratando de aproveitar a luz magnifica que o sol já alto oferecia num farto esbanjamento de fogo vivificador a espargir-se em scintilações na prata das águas que corriam das encostas, que se despenhavam nos açudes. Foi um dia de trabalho fatigante: improvisou-se uma camara escura, arranjou-se um laboratório com o mínimo de utensilios e tratei logo de colher, como podia, os apontamentos gráficos necessários para esta monografia.

A' tardinha, o convite amável do Sr. Dr. Freitas Marques atraíu-me a sua casa, situada a um quilómetro, se tanto, da Igreja da Ermida. Anoteceu de todo, e de fóra, onde soprava uma aragem fresca, só podia escutar a voz do rio que já começava a sentir-se afagado pela silênciã lustral de um luar próprio da sedução pairante nas serranias beirôas. E no primeiro dia da minha peregrinação á beleza antiga plasticizada na simplicidade de um monumento românico em transição para o estilo mais alado e nervoso das catedrais, eu senti a suavissima letargia monástica na escuridão da noite bonançosa, sob o céu semeado de estrelas, resplendores distantes ricamente lavrados, dignos de coroar santos e bem-aventurados com a incandescencia do seu lume vivo...

A aurora a doirar a crista dos montes e eu a aperceber de novo o canto da vida a erguer-se da terra fecunda e generosa. Outra vez, nesse dia e noutros que vieram, me envolvi na paz docemente resumbrante do «Templo dos Siglas».

Quando pelo entardecer regressava ao Pinheiro, á aldeiasita próxima, olhava-o ainda do cruzeiro erguido a pouca distancia, lembrando o que disse das igrejas da França o artista do *Jardin de Berenice*: «Au milieu du village l'église est parlante.» «L'église n'est pas un bibelot. Elle est une âme qui contribue à faire des âmes».

Três anos seguidos visitei a Ermida do Paiva, e de cada vez que a minha atenção comovida fixava o conjuncto, esta ou aquela minucia esculptórica, mais a *arca da idealidade* se levantava diante de mim nimbada pela aura dos séculos e pelas litánias dos crentes que nela confiadamente se encerravam a orar em olvido das miserias perversas do pecado, eternamente a tentar as criaturas atravez o instante da vida terrena.

(Continúa.)

AARÃO DE LACERDA.

O PALEOLITICO PORTUGUÊS — DESCOBRIMENTOS

No seu recente e importante trabalho, *Glaces paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana*, publicado em *L'Anthropologie* t. xxviii (1917), o professor H. Breuil refere alguns descobrimentos seus em territorio portuguez, os quaes é necessario arquivar. Eis a parte dêsse trabalho que se refere ao nosso país :

«Em volta de Albuquerque não encontrei verdadeiros paleolitos, pois que o pequeno mas curioso abrigo com quartzos hialinos, que achei a pouca distancia da rocha pintada de Carava, não deve pertencer a tempos anteriores ao Neolitico, ou, quando muito, ao fim do Paleolitico superior.

«Mas no trajecto de Albuquerque a Codosera, nas duas margens do rio Xevora, e na planicie de aluviões adjacente, recolhi alguns esboços de pequenos instrumentos amigdaloides, de quartzite, e algumas lascas da mesma pedra ; o seu aspecto pareceu-me mais antigo do que o Musteriense habitual das regiões que tenho explorado, e aproxima-se da importantissima estação que descobri perto do cemiterio de Arronches (Portugal). Recolhi tambem, a alguns metros do rio Abrilongo, que separa os dois paises, mas já em territorio portuguez, um grande instrumento de quartzite, feito de uma lasca maciça.

«Em Arronches, a estação paleolitica fica situada sobre um antigo terraço, dominando, da altura de uns 20 metros, a corrente actual do rio Caia, e pôde observar-se numa superficie de muitas centenas de metros, ao longo da vila, entre o cemiterio, os oliveas e um caminho que vae para a Senhora do Rosario. A exploração do terreno para o fabrico de telhas fez abrir numerosos furos, ás vezes profundos, 4 e 5 metros, expondo a descoberto espessas camadas de calháus de grosso volume, envolvidos num barro amarelado, que se extrae de cima e debaixo dêsses calháus. No meio dêstes, mas a pouca fundura na camada, achei diversos instrumentos, muito grosseiros, semelhantes a grandes *coups de poing* usados. Por cima, e á superficie da camada, encontram-se, com facilidade, lascas não roladas, discos-nucleos bastante volumosos, e *coups de poing*, melhor ou peor talhados, mas mais trabalhados do que os da camada inferior. São, geralmente, de quartzite negra, e tambem de outras pedras duras, entre as quaes ardósia metamorfica, muito rijá. Não pôde haver duvida de que esta estação contenha Chelense e uma industria um pouco mais recente, provavelmente Achelense. A posição de numerosas peças na jazida originaria não permite hesitação alguma acêrca da idade, desta estação, embora grande parte do meu material de estudo fósse recolhido nos rebotalhos dos telheiros, pois que os operarios deitam em monte, num canto do cabouco ou numa dobra de terreno, os calháus e pedras que encontram quando extraem o barro».

Como se vê, a descoberta é sensacional, pois que a existencia do nosso paleolitico, até agora quasi que só fôra denunciada nos arredóres de Lisboa e na Extremadura. Sabemos que o illustre professor ofereceu ao Museu Etnologico a porção maior dos seus achados ; mas o certo é que ainda não tivemos o prazer de os ver expostos, apesar da oferta remontar ao verão de 1916. Quer o sr. Leite de Vasconcelos conserval-os para seu uso proprio, como faz a tantas outras cousas do Museu ?

Este descobrimento do professor Breuil traz-me á memoria o achado que fiz em 1915, na herdade do sr. Conde da Ervideira, ao poente da Oriola (a 15 quilometros de Viana do Alemtejo), de um magnifico *coup de poing* de quartzite, muito rolado mas perfeitissimo, achado a que não liguei importancia, porque todo o meu interesse era, então, solicitado pelas sepulturas romanas que no mesmo local existiam.

Cabe tambem agora, visto que se fala dêstes assuntos, dar noticia de uma nova grande estação paleolitica, que pôde hombrar com Monsanto e cujo descobrimento remonta a 3 de Novembro de 1912.

Essa estação ocupa uma grande superficie, desde o lugar da Ameijoeira até quasi a Pinteus (Concelho de Loures) e tem o seu fóco principal num vasto terraço denominado Chão de Minas. Os instrumentos que aparecem, achelenses e musteriensens na maioria, são de silex, conservando, quasi todos, pedaços da casca dos calháus donde os extrairam. A proporção de *coups de poing* é, nos meus achados, de 30 por 100. Os objectos miudos — facas, lascas retocadas, pontas e raspadores, — apresentam dimensões maiores do que as dos instrumentos congêneres do Casal do Monte, Damaia, etc.

V. C.

A SOBERANIA DO BOMBO

(HISTÓRIA DE DOIS POVOS MALAVINDOS)



A minha terra faz parte, numa pequena iminencia sobre o rio, uma ermida carinhosa e evocativa, mandada construir por uma nobre dama (Dona Senhorinha se chamava) para sua jazida e de seu marido, que foi vate e guerreiro na corte denodada do senhor rei D. Afonso, o Quarto.

Ali o rio, cançado das quebradas da serra, se esquece do seu caminho, amoroso da paisagem: e a paisagem, em caricias ingenuas, dobra-se mais para o rio, toda sequiosa de amor.

Sobre o morro antigo, que o gesto grave da nobre dama mandou erguer, a ermida alevanta as suas ogivas para o ar religioso, como uma prece, enquanto em de redor os milhares

e as vinhas adormecem de quebranto a ouvir murmurios das aguas.

Mais para norte, ali onde o rio acorda entre mais rudes terras, barros queimados e vivas penedias, e num soluço se espreguiça ao depois pela campina, ha uma aldeia, descendo sobre o rio numa cavalgada de casas medieval. Amuralham uma das margens hortas e pomares, que procuram a frescura cantante das represas; e do outro lado a aldeia estende-se preguiçosamente pelo planalto fóra.

Ora esta aldeia, que se chama o Sarzedo, forma uma tribu toda á parte, com seus usos e costumes, sua ponta de rancor pelos da vila, sua justiça ministrada, como nos tempos heroicos, pelos homens bons da terra; e á mingua de outra qualquer soberania, paga o tributo do respeito, em boa vassalagem, á casa do fidalgo.

Assim os do Sarzedo foram dando a si mesmo carta de foral, com direitos criados tempos fóra, desconhecendo os Códigos ou tendo por eles, em frente aos seus direitos, o desdem de nem os quererem conhecer. Não tem este foral iluminuras goticas, nem donas manuelinas sob uma letra doirada; vive na alma do povo, que o perpetua e o decóra, e o vai legando por igual aos que viérem.

E dentre as suas nobres regalias, uma ha de que lhes quero fazer menção. Assim, todos os anos, no dia da festa de S. Pedro, em redor á delida capela de D. Senhorinha, por uso e direito que vinham de muito longe, atroando o ar lavado com o bombo, feito da péle do ultimo carneiro de Noé, com sua gaita estridula, e sua barbara caixa de rufar, todo o seu povo bailava, bailava. . .

Eram novos e velhos á mistura, as frescas raparigas com suas saias de côr de sangue, as velhas do logar com seus capotes do tempo dos francêses.

Era aquela a sua festa, toda cheia de liturgia goda, epica de desvairo e de tormenta. E em torno á capela, bailando, davam tres voltas, seguindo um velho ritual.

Sucede que ha um ano, as voltas do mundo levaram ali a filarmonica da minha vila; e junto á velha capela dos tempos do Salado, se executaram *pot-pourris* sobre motivos da *Carmen* e bailados da *Gioconda*. O povo do Sarzedo, em sua alma inconsciente inda talhada em ogivas, ergueu-se de repelão; e ali mesmo, enquanto a gente da minha terra,

A SOBERANIA DO BOMBO

traçando a perna, apreciava a *Aria do Toureador*, novos e velhos á mistura, no mesmo bar-
baro batuque medieval, o bombo ao alto, a gaita rouca, amostraram a fôrça da sua antiga
e vivissima soberania...

A Ordem interveiu: e—ai de mim!—embalde no Tribunal eu ergui a minha voz
pelas tradições do Sarzedo, de tempos sem limite, embalde arguei que junto ás
velhas ogivas de D. Senhorinha a barbaridade seria para a alma do povo, toda florida de



A CAPELA DE S. PEDRO

tradições, bufar em
trompas de três pis-
tons os bailados da
Gioconda... O Co-
digo não conhece a
alma do povo; e a
gente do batuque
pagou á Lei sua
epica arremetida em
tôrno da capela.

E o Sarzedo ju-
rou não voltar mais a
S. Pedro. Este ano, á
tarde, apenas a gente
da minha terra ali

passava o fresco e bebia o capilé. Aquilo aborrecia-me mortalmente.

Evocava a doida sanha da gente do Sarzedo, em tempos idos, tomando a terra toda,
como uma chama que a lambesse e de roldão a levasse.

E entristecia a gente.

Mas por volta da meia tarde, quando o sol em despedida da paisagem religiosa se
afogueava de ternura e de saudade, detraz do monte, da banda de lá do rio, junto á mar-
gem, um vasto tropel de gente erguia para o ar uma vozeada doida, atroando a serenidade
da terra com o bombo e com a caixa de rufar. Era o Sarzedo, que de longe, da outra mar-
gem, trazia ao Santo as suas saudações. Como dantes, bailavam á frente novas e velhas,
num furor sanguineo, e bravo, e alucinado; e as velhas seguiam á frente da companhia, bai-
lando sempre, como em malucos quadros de sabats...

Chegados á margem, sob a areia, um subito silencio concentrou-os no crepusculo en-
volvente: e ajoelharam sob as esguias frondes dos choupos.

Um momento, a alma vinda de muito longe, mandaram ao Santo as suas orações.

Depois ergueram-se no mesmo tumulto desvairado. E ali mesmo, longe da Ordem,
longe da romaria, o povo do Sarzedo continuou exercendo pela noite fóra, na pele coçada
do bombo, a sua soberania, abundantissimamente...

No adro medieval, as velhas ogivas de Dona Senhorinha perdiam-se mais nas dobras
duma noite maternal, propicia ás doces evocações.

Longe da musica que tocava ali perto, longe das velas dos balões venezianos, a pedra
delida da velha ermida sonhava.

Julho, 1913.

VEIGA SIMÕES.

BARTOLOZZI E BENJAMIM COMTE

(DOCUMENTOS PARA A HISTORIA DA GRAVURA EM PORTUGAL)

Ao Dr. Xavier da Costa

Ha alguns annos já que, no *Diario de Noticias*, dei algum contingente para a historia, inda por fazer, da gravura em Portugal e, sobretudo, para o pagamento de uma divida que, apesar da boa vontade de alguém, inda não foi liquidada. Refiro-me á divida que contraimos para com Francisco Bartolozzi, pelo que entre nós empregou da sua mestria no ensino da sua delicada arte, e pelo que nos deixou em gravura impressa, para nos deleitar.

Esse *alguém* de bôa vontade é o meu illustrado amigo dr. Xavier da Costa, a quem então dediquei o que possuia, tal como o faço agora, com a noticia dos documentos que encontrei sobre os referidos gravadores, visto ser a esse homem de sciencia e artista que se devem, a par de detidos estudos sobre a gravura em Portugal, os primeiros passos para a realiza-



GRAVURA DE BARTOLOZZI E BENJAMIM COMTE, FEITA SOBRE UM QUADRO DE VIEIRA

BARTOLOZZI E BENJAMIM COMTE

ção de uma exposição de trabalhos do grande Bartolozzi, ainda não efectuada por varios motivos, que, por agora, me abstenho de enumerar.

Os interessantes documentos que passamos a transcrever, faziam parte do archivo do ultimo Conde da Feira, D. Miguel Pereira Forjaz. Por sucessão, ficaram na casa Souto d'El-Rei, hoje em poder do sr. D. Antonio Almada, pessoa a quem devemos a franca cedencia delles para este fim. Assignados pelos dois gravadores, são escritos pelo proprio punho de Bartolozzi e de Benjamim Comte e dão precisa conta do anno em que esses artistas vieram para Portugal, em que condições, e por quem fôram chamados.

Quanto a Bartolozzi, diz elle: — «Em 1802 fui chamado a este paiz sob a administração de D. Rodrigo, para estabelecer uma escola de gravura. O Principe Regente, concedia-me casa, uma pensão de 600.000 réis pagaveis na Imprensa Regia, etc.» Este D. Rodrigo era, nem mais nem menos, que D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que exerceu a inspecção da officina régia e que, intentando fazer uma edição especial dos *Lusíadas*, attraheu Bartolozzi a Lisboa, para executar as gravuras com que pretendia illustrar-a. Nesse documento dirige-se o gravador a *Mr. d'Araujo*, — o Conde da Barca, grande homem de estado do tempo do Principe Regente.

Eis os dois documentos:

Monseigneur: Jais été appellé dans ce Pays en 1802 sous l'administration de Don Rodrigue pour former une Ecole de gravure, le Prince Regent m'accordoits, maison, une pension de six cent mille reae payable à l'Imprimerie Royale, cette somme n'ettant pas sufisante pour subsister d'une manière convenable à ma situation, vu le disconte du papier, jai fais des representations à ce sujet à Monsieur de Araujo qui m'as promis verbalement que non seulement ma pension me seroit augmenté, mais quelle me seroit payeé toute en argent métalique, l'ordre devoit en etre passée justement quand ses changemens ont pris place, je vous prie Monseigneur de m'accorder les mêmes graces.

En 1805 Monsieur de Araujo m'as proposé la gravure de la grande planche d'Espagne pour la quelle je devois recevoir douze mille cruzades em trois payemens, jai reçu le premier payement mais pas le second; en consequence de quoi l'ouvrage à été interrompu; je supose que le Prince de la Paix y est interesse, et que Monsieurs Quintella, Bandeira, et Calders sont les personnes qui etaient chargées du Payement, Monsier de Araujo manquant je prie votre Excellence de pourvoir sur mon sort quant à une pension, et aux ouvrages que jais commencé. Jais l'honneur d'être avec la plus parfaite consideration

Monsiogneir. De Votre Excellence le tres humble et tres Obeissant Serviteur. — *Francisco Bartolozzi*.

Monseigneur: J'ais été apellé dans ce pays en mille huit cent et quatre sous l'administration de Monsieur de Araujo, por travailler conjointement et assister Monsieur Bartolozzi dans ses differends ouvrages, le Prince Regent m'accordoits une pension de cinq cent mille reas argent metalique, payable à la Chambre des Poudres; je vous prie Monseigneur de vouloir bien m'en accorder la continuation.

Dabord à mon arrivée l'on m'as employe à la grande planche du portrait du Prince à la quelle j'ais travaillé onze mois, l'ouvrage en á été interrompu par ordre Superieur, je n'ais reçue aucun payement, malgré mes représentations, et les promesses reiterées du Ministre; cest pourquoi je prens la liberté de m'adresser à votre Excellence dans l'esperance quelle voudra bien m'accorder quelques indemnissions. J'ais l'honneur d'être avec la consideration la plus distinguée et un profond respect.

Monseigneur. De Votre Excellence le tres humble et tres Obeissant Serviteur. — *Benjamin Comte*.

Assignaturas dos gravadores

Francisco Bartolozzi *Benjamin Comte*

JOSÉ QUEIROZ.

CRONICA

ANTONIO CARNEIRO

Dá-nos a honra de colaborar pela primeira vez nesta Revista, o grande artista portuense Antonio Carneiro. Ao insigne desenhador, as nossas mais sinceras e respeitosas homenagens.

DUAS CONFERENCIAS ETNOGRAFICAS

E' com o maior prazer que arquivamos a efetivação de duas conferencias etnograficas, realizadas em Coimbra e no Porto, respetivamente pelos srs. Drs. Aarão de Lacerda e Vasco de Oliveira.

A do Dr. Aarão de Lacerda teve logar em 16 de Maio, no theatro Sousa Bastos, a quando de um concerto do *Orfeon de Condeixa*, e está hoje publicada num livrinho de 80 paginas intitulado *Estética da Arte Popular*, saído dos prelos da «Renascença Portuguesa». O autor apresenta-nos ali, reunido, quanto se tem feito em materia de colheita do folklore musical e poetico, e dá nos a sua opinião sobre o atual movimento nacionalista e as bases em que deve apoiar-se.

Aarão de Lacerda que nos seus livros anteriores, *Da ironia do riso e da Caricatura* (1915), e *Chronicas de Arte* (1916), se revelára um critico ilustrado e cheio de sentimento, e um cronista de fôrma brilhante e fina observação, começa a dar-nos trabalhos de investigação e de sintese. Estudando como artista, arqueologo e etnografo o povo português, Aarão de Lacerda é já mais do que uma prometedora esperanza, uma realidade feliz com que devemos contar para a obra do resurgimento nacional.

A 2.^a conferencia fê-la, a proposito de *Rocas e Fusos*, na séde da «Société Amicale Franco-Portugaise» do Porto, em 2 de junho, o sr. Dr. Vasco de Oliveira, um nobre espirito que, de ha muito já, se ocupa em recolher e estudar os materiaes da nossa etnografia. Esta sua conferencia foi um verdadeiro sucesso, tanto pelo numero como pela categoria dos assistentes.

LIVROS

T. de Aranzadi y L. de Hoyos Sainz — *Etnografia, sus bases, sus métodos y aplicaciones a España* 1. vol., 239 p. Biblioteca Corona, Madrid, 1917.

Por motivos estranhos á minha vontade só agora venho dar noticia aos leitores d'*A Terra Portuguesa*, deste excelente manual que os seus AA. me ofereceram logo que veiu a lume, em julho do ano corrente. O livro compõe-se de duas partes distintas, formadas respectivamente por duas series de conferencias realizadas em Madrid pelos AA. A primeira parte contém as conferencias do Prof. Telesforo de Aranzadi, sobre generalidades da etnografia, o carro *chillón*, os jugos dos bois, as corridas de touros, o fandango, as etnografias criolas, e, finalmente, as colecções e museus etnograficos e nomeadamente o museu de San Sebastian. O A. sintetisa ás vezes com certa originalidade, outras com alguma leveza, as conclusões de trabalhos seus anteriormente publicados; se algumas vezes não concordo com os seus modos de ver, quasi sempre me prende a viveza e o pitoresco da exposição. A segunda parte, aquela que mais interesse oferece pelo seu valor pedagogico, é uma exposição metodica dos prolegomenos fundamentaes da sciencia etnografica. A não ser, talvez, na literatura scientifica germanica, não conheço obra alguma parecida; com efeito, quem estuda os problemas concretos da etnografia com verdadeira orientação scientifica tem necessidade duma disciplina mental que faça conhecer a definição da sciencia que cultiva, o seu ambito, o seu logar no quadro dos demais conhecimentos humanos, as suas relações com as outras sciencias, os seus metodos proprios d'investigação, etc., noções estas que até agora se encontravam dispersas por uma infinidade de trabalhos e que o Prof. Hoyos reuniu e condensou com certa felicidade. Estudar a etnografia «material» orientado por sãos principios, é uma cousa bem diferente da colheita, quasi sempre insciente, de materiaes folk-loricos, que inumeras pessoas

CRONICA

praticam, e com esses simples factos, por um phenomeno vulgar d'auto suggestão, se julgam etnografos de grande envergadura. A publicação deste livro representa um bom serviço á etnografia peninsular, e digo peninsular porque nós Portuguezes, cultores da etnografia, dele tambem recebemos pingue beneficio, porque embora a etnografia seja uma sciencia meramente descritiva, ella não dispensa, antes utiliza, e bastante, os processos comparativos, e é justamente com os factos etnograficos da nossa vizinha Hespanha que todas as nossas comparações devem começar. Infelizmente, porém, o material etnografico publicado até agora em Hespanha, fóra do campo do folk-lore, é bastante limitado: apenas poderei citar os nomes dos AA. do livro de que dou noticia, e ultimamente os optimos trabalhos publicados e prometidos pelo Snr. Eugenius Frankowski, talentoso colaborador d'A *Terra Portuguesa*. Por me parecer de bastante interesse para os leitores da revista vou dar uma nota bibliografica, quanto possivel completa, destas publicações:

- Prof. Telesforo de Aranzadi:
Der ächzende Wagen unde Anderes aus Spanien, in *Archiv für Anthropologie*, 24.
El origen del carro euskaldun, in *Euskal-Erria*, XXXVI, n.º 609, p. 906-910, 10 de julho de 1897. San Sebastian. Guipúzcoa.
Der spanische Wagen, in *Globus*, LXXI, n.º 12, 20 de março de 1897. Braunschweig.
La estética de la boina, in *Euskal-Erria*, XXXVIII, n.º 639, 10 de abril de 1898, San Sebastian.
Interpretacion de la nupcialidad y naturalidad en Espana (colaboração com o Prof. Hoyos) in *Congresso internacional de Higiene e Demografia em Madrid*, 1898.
La raza vasca en sus relaciones con la lingüística y la etnologia, in *Revue de Lingüistique*, abril, 1901.
La hoz dentada y la moda africanista, in *Euskal-Erria*, XLVI, n.º 774, 10 de janeiro de 1902.
Viajeros rencorosos y ratones de biblioteca ó los vascos en el siglo R, in *Euskal-Erria*, XLIX-L, 20 de julho de 1903 a 20 de fevereiro de 1904.
Weihnachtliche Touwerkzeuge in Madrid, in *Globus*, LXXXVIII, 1909.
La flora florestal en la toponimia euskara e El yugo vasco comparado con los demás, San Sebastian, 1909, imprenta de la Diputación de Guipúzcoa.
Problemas de etnografia de los vascos, in *Revista internacional de estudios vascos*, Paris, 1907, Geuthner.
L'attelage des boeufs par le tête est-il d'origine germanique? in *Bulletin de le Societé d'Anthropologie de Paris*, 17 de junho de 1909.
Museos de Folk-lore, in *La España Moderna*, XXII, 1910, Madrid.
De la covada en España, in *Anthropos*, V, 1910, fasc. 4. St. Gabriel — Mödling bei Wien.
A proposito de los 3/8 castellanos; sobre el origen de 3/8, in *Revista internacional de estudios vascos*, V, 1911, Paris.
Sobre el compás del zortzico, in *Revista Musical*, III, 1911, Bilbao.
Quelques observations sur les soi-disant données anthropologiques que fournit la langue basque, in *Bulletin de le Societé d'Anthropologie de Paris*, 16 de fevereiro de 1911.
De la familia vasca primitiva inventada por Mr. Vinson, in «*Euskalerraren alde*», I, 15, 15 de agosto de 1911, San Sebastian.
Vuelta á la supuesta primitiva familia vasca, in «*Euskalerraren alde*», I, 23, 15 de dezembro de 1911.
A propósito de golf, perrache, anikote, bilorta, etc., in «*Euskalerraren alde*», I, 1911.
Anthropología y Etnologia del pais Vasco-Navarro, in *Geografia general del pais Vasco-Navarro*, Martin, Barcelona.
Badische und baskische Kegelkugeln als ethnographische Parallelen, in *Petermanns Geographische Mitteilungen*, 1912, janeiro, 1913, janeiro.
De una relación antropométrica tradicional en Indo-China y Alcarria, in *Boletin de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, novembro de 1912.
De cosas y palabras vascas, in *Anthropos*, VII, 1912.
Alboka y albogues, in *Euskal-Erria*, LXXIV, n.º 1147, p. 152-158, 1916.
Una silla de parir en el Museo municipal de San Sebastian, in «*Euskalerraren alde*», VI, n.º 134, 10 de julho de 1916.

CRONICA

- Etnologia*, 2.º tomo das *Lecciones de Antropologia*, Madrid, 1899.
- Ocolin, equívoco toponimico recién nacido, in «*Euskalerrriaren alde*», VI, n.º 142, 1916.
- Uso zuria, in «*Euskalerrriaren alde*», VI, n.º 143, 1916.
- Investigaciones etnológicas en España, in *Congreso de Zaragoza*, da Associação española para el Progreso de las Ciencias, 1908.
- El metate americano en España, in *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, outubro de 1910.
- A propósito de algunos Lapones y Castellanos — Buscapié de zortzicos y ruedas, Paris, 1910.
- Ginarreba — Un poco de apellidos actuales en San Sebastian — Para las parteras — in *Revista internacional de estudios vascos*, VII, n.º 2, 1913.
- Les pierres préhistoriques pour le dépiquage du blé, in *Revue d'Ethnographie et de Sociologie*, Paris, 1914.
- De antropologia de España, in *Estudio*, III, t. XII, 1915, Barcelona.
- Em colaboração com o Prof. Hoyos Sainz:
- Un avance á la antropologia de España, Madrid, 1892.
- Lecciones de Antropologia, 4 vols. Tomos III e IV: *Etnografía*. Cfr. *Portugalia*, I, p. 867-868.
- Do Prof. Hoyos Sainz:
- L'anthropologie et la préhistoire en Espagne et en Portugal en 1897*, in *L'anthropologie*, IX, 1898.
- Anuarios de bibliografía antropologica de España y Portugal*, 1896 y 1897 — in *Anales de la Sociedad Española de Historia Natural*, XXIV, 1898. Cf. *Portugalia*, I, p. 175-176.
- Do Snr. Eugenius Frankowski:
- Los signos quemados y esquilados sobre los animales de tiro de la Península Iberica, in *Memorias de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, X, 1916.
- La lucha entre el hombre y los espiritus malos por la posesión de la tierra y su usufructo, in *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, XVI, 1916.
- Relato de exploraciones etnográficas verificadas durante el verano de 1917 en las Provincias Vascongadas y Navarra, in *Bol. de la R. S. de Historia Natural*, T. XVII, 1917.
- As cangas e jugos portugueses de jungir os bois pelo cachaço, in *A Terra Portuguesa*, 1916.
- A sair do prélo:
- Los hórreos y Palafitos de la Península Iberica.
- Prometidos:
- Los arados primitivos de la Península Iberica, sus formas y sus origines;
- Los jugos adornados del Portugal;
- Los jugos de la Península Iberica comparados com los demas del mundo;
- Como y donde vive el aldeano español e portugués;
- Algo de antropogeografía de la Península Iberica.
- A pag. 156-157 do livro que estou dando noticia trata o Prof. Hoyos dos estudos etnograficos em Portugal, e lá vem uma referencia á *Terra Portuguesa*. Se exceptuarmos as lisongeias e justas palavras que dirige á *Portugalia* e seus dirigentes, a nota péca por incompleta e falta de exactidão. A historia da etnografia portuguesa propriamente dita faz-se em poucas linhas. Tres revistas de subido valor scientifico devidas exclusivamente á iniciativa particular e mantidas independentemente do auxilio do Estado, tam prodigo em auxilios pecuniarios e portarias laudatorias para outras publicações, afirmam grandemente o amor a esta sciencia dos investigadores e cientistas portugueses: *A Tradição*, a *Portugalia* e, presentemente, *A Terra Portuguesa*. São tentativas absolutamente honestas, altamente patrioticas e desprendidas de quaesquer fins egoistas. Tres nomes dos mais reputados em Portugal e no estrangeiro, são tres figuras de primeira grandesa no campo tam limitado da sciencia nacional: o malogrado Rocha Peixoto, sem contestação o nosso primeiro etnografo, que a morte tam cedo nos roubou; o Professor Teofilo Braga, que no seu — *O povo portuguez, nos seus costumes, crenças e tradições*, 2 vols., Lisboa, 1885, apresentou pela primeira vez, em conjunto, a etnografia portuguesa no seu aspecto material e espiritual, obra que, á parte os defeitos que encerra, tem ainda hoje muito merecimento pelos dados que reúne; e o Professor Adolfo Coelho, cuja pasmosa erudição tem produzido uma bibliografia vasta e dispersa, de que basta citar: *Esboço dum programma de estudo d'etnologia peninsular*, in *Revista d'Etnologia e Glottologia*, I, Lisboa, 1880; *Esboço de um programma para o estudo anthropologico, pathologico e demo-*

CRONICA

grafico do povo Português, Lisboa, 1890; *Proposta relativa a um inquerito do estado physico, moral e intellectual do povo Português*, Lisboa, secção de sciencias etnicas da Soc. de Geografia, 1890; *Exposição ethnographica portuguesa — Portugal e Ilhas adjacentes*, Lisboa, 1896, etc. Todos os outros são averiguadores mais ou menos operosos de miudesas folk-loricas.

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

El Santuario Ibérico de Castellar de Santisteban, por Raymond Lantiér: — E' esta *Memoria* n.º 15 da *Comisión de Investigaciones*, de Madrid, um belo trabalho acérca da arqueologia iberica, prodigiosamente documentado, e prefaciado pelo nome illustre de Piérre Paris. No mesmo genero das *Excavaciones en la Cueva y Collado de los Jardines*, de que já em numero anterior demos noticia, elas vem completar, dum modo muito feliz, os nossos conhecimentos sobre as industrias artisticas regionaes do territorio de Jaen (Sudoeste de Espanha), onde ficam situados os dois santuarios ibericos de Despeñaperros e Santisteban.

Trata-se do achado de centenaes de figurinhas de bronze (quasi todas hoje pertencentes á coleção de D. Juan Cabré Aguiló), e de numerosos ex-votos do mesmo metal representando pernas, braços e outras partes do corpo, bem como de vasos, fibulas e esculpturas ibéricas. Tudo aquilo é o recheio de uma capela, em especial da sua *casa dos milagres*, que gerações sucessivas foram enriquecendo de promessas. Situado, porem, em plena montanha, consequentemente santuario de povos pobres, Castellar de Santisteban traz-nos mais novidades para a Etnografia do que para a grande Arte.

Numerosas indicações ácerca dos trajes civis e militares, masculinos e femininos, e seus accessorios (fibulas, etc.), alargam os nossos conhecimentos nesse campo, e permitem estabelecer comparações entre os objectos de Santisteban, Despeñaperros, Cerro de los Santos e a industria de La Téne.

Yacimiento Prehistorico de las Carolinas (Madrid), por Hugo Obermaier. — Um desaterro feito á beira da linha Madrid-Caceres, em 1911, pôz casualmente a descoberto alguns silices. Examinados pelo professor Obermaier, provocaram da parte deste uma exploração cuidadosa do local, que fica em frente do agrupamento de casas de Las Carolinas, na periferia de Madrid.

De silices e fragmentos ceramicos constou o achado; mas se os silices poucas novidades nos trouxeram, a ceramica, do tipo de Cienpozuelos e da nossa Palmela, bastou para classicar a estação como eneolitica. No fim do trabalho vem um quadro muito notavel das *provincias eneoliticas da Europa*.

Los Grabados de la Cueva de Penches, por Eduardo Hernandez-Pacheco. — Nesta *memoria* n.º 17 de *Comisión de Investigaciones*, o illustre professor do «Museu de Ciencias Naturales» de Madrid, descreve e estuda a caverna de Penches, situada na provincia de Burgos, a uns 6 quilometros de Oña. Apresenta a caverna, que é um simples corredor subterraneo de 170 metros de comprido, em alguns pontos, gravuras preistoricas, tectiformes e zoomorficas, sendo verdadeiramente notavel a gravura de uma cabra com os contornos esfumados de negro, que appareceu mesmo na parede fundeira da caverna. Esta cabra attribui-a o professor Pacheco á epoca media da evolução da arte madalenense. Quatro outras cabras, gravadas a meio do corredor, são mais antigas: pertencem ao madalenense inferior.

Auxiliou o professor Pacheco no seu estudo, seu filho, D. Francisco Hernandez-Pacheco, simpatico e talentoso rapaz que tivemos o prazer de conhecer na ultima viagem que ele e seu pae fizeram a Portugal.

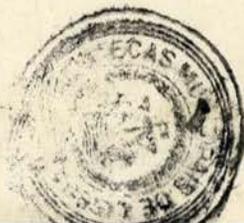
V. C.

La Roche Peinte de Val de Junco (Terra Portuguesa, n.ºs 15-16).

La pierre sépulcrale de la fin de l'age du Bronze que j'ai figurée sans indication de provenance, autre que «Extremadura», na possédait pas d'indication de provenance sur l'étiquette qui l'accompagne; depuis, j'ai pu retrouver des indications concernant son origine dans la «Revista de Extremadura», 1905, p. 417-448 et dans le Boletin de la «Real Academia de la Historia», 1902, p. 565.

Elle a été trouvée, recouvrant une sepulture dont M. Roso de Luna ne non dit rien dans ses diverses notes, à 1 kilomètre au nord de Solana de Cabanas, partido judicial de Logrosan, province de Caceres.

H. BREUIL.



MAIS LIVROS RECEBIDOS

Esboço dum Vocabulario Aryano, por Carlos de Passos: — Recebemos este interessante trabalho do aluno da Faculdade de Letras de Coimbra, o sr. Carlos Passos. Muito valiosa a introdução, onde se faz um resumo dos estudos orientalistas em Portugal.

Lusa: — Continua a sua publicação em Viana do Castelo, sob a direção do nosso presado colaborador Dr. Claudio Basto, esta interessante hebdomadario de folklore.

Arte Romanica em Portugal: — Temos presente os n.ºs 13, 14 e 15 da notavel publicação do sr. Marques Abreu. Cada numero que surge é mais um titulo de gloria para esta obra do ilustre artista portuense.

Interesses Portuguezes na Amazonia, por Veiga Simões: — Numa bela edição in-8.º, de 106 paginas e com um interessante capa de gosto seiscentista, acaba o nosso querido amigo e ilustre prosador, Dr. Veiga Simões, consul de Portugal em Manaos, de publicar a conferencia que realizou no salão nobre do *Jornal do Comercio*, do Rio, em 22 de março do ano corrente, acêrca dos «Interesses Portuguezes na Amazonia».

Exgotadas no Brazil as duas primeiras edições do seu livro *Daquem & Dalem Mar*, a que já nos n.ºs 15-16 desta revista nos referimos, resolveu o autor fazer dessa obra um resumo de facil leitura «que ficasse sendo um instrumento de difusão, deixando ao livro a função da documentação logica». Como esse resumo estava feito na conferencia mencionada, é esta trazida a publico; agora, depois da larga divulgação que teve nos principaes jornaes do Rio de Janeiro.

Sulla pluralità dei tipi ipsistenocefali e sopra alcuni crani portoghesi, por A. A. Mendes Corrêa (Roma — 1917): — O nosso prezado amigo e ilustre antropologo, Dr. Mendes Correia, teve a honra de ver traduzido e publicado na *Revista de antropologia*, de Roma, um seu trabalho da especialidade, assim intitulado. Calorosamente o felicitamos por esse facto.

Academie des Inscriptions et Belles-Lettres: — Recebemos e agradecemos o Boletim da Academia referente a Maio e Junho de 1917. Traz noticias arqueologicas interessantes e algumas novidades das excavações de Bulla Regia (Norte de Africa).

Revista Generale (Edição da Casa Calleja, de Madrid): — Recebemos e agradecemos o envio do n.º 2 desta atraente publicação espanhola. Interessou-nos neste numero, em especial, um artigo de Manuel Angel sobre *La dama de Elche y las Joyas orientales de España*.

Ceramica, por José Queiroz: — Recebemos, com o n.º 13 de ordem de oferta, um folheto de 18 paginas, assim intitulado.

E' um trabalhinho lindamente disposto e ilustrado, em que o autor revela todas as suas definidas e proficientes qualidades de distinto decorador, que foi, e é.

O assunto do folheto resume-se em pouco. Reune o autor alguns materiaes para ajudar a demonstrar a conhecida afirmação de que a ceramica portuguesa, popular e erudita, deriva de formas romanas e orientaes. Decerto que deriva. Entendemos até que o auctor podia acrescentar que as formas da ceramica portuguesa — e não só as formas, a côr, o desenho, os esmaltes, etc. —, copiaram servilmente o que se fez em Espanha, em Italia, em França e nos Paizes Baixos.

Muitos parabens ao nosso distinto colaborador.

Recebemos mais e deles daremos noticia desenvolvida no proximo numero, os trabalhos: *Noticia historica do Corpo Militar Academico de Coimbra*, por Fernando Barreiros; *Costumes Portugueses*, por Ferreira Lima; *A vida de uma tribu Sul-africana*, trad. de Carlos Bivar; e *Hórreos e Palafitos de la Peninsula Iberica*, por Eugeniuz Frankowski.

Estê ultimo trabalho merecerá referencia especialissima, pois é o primeiro grande trabalho etnografico que aparece em Espanha.

SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO

Podem requisitar-se para a Administração desta Revista:

— Capas para encadernar o 1.º volume (n.ºs 1 a 6), gravadas a vermelho e preto, sobre linho nacional, ao preço de **\$60 (seiscentos réis)** cada.

— Capas para encadernar o 2.º volume (n.ºs 7 a 12), gravadas a azul e preto sobre linho nacional, ao preço de **\$60 (seiscentos réis)** cada.

— O 2.º volume, devidamente encadernado, ao preço de **2\$ (dois mil réis)** cada exemplar.

Também nos encarregamos para assinantes da provincia, da encadernação do volume, nas mesmas capas, bastando, para isso, que nos sejam enviados os 6 numeros que o compõem, acompanhados da importancia de **\$90 (novecentos réis)** por cada volume a encadernar.

Em todos estes preços estão incluídos o porte do correio e a embalagem. Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

<i>As cangas e jugos portuguezes de jungir os bois pelo cachaço</i> , por Eugeniusz Frankowski (Separata da <i>Terra Portuguesa</i> , n.º 2) ..	20
<i>Arrufadas de Coimbra</i> (Elementos para o estudo da doçaria portuguesa), por D. Sebastião Pessanha	20
<i>Ensino profissional</i> (Tése apresentada ao Congresso regional algarvio), por D. Sebastião Pessanha	20
Etnografia artistica — Notas de etnografia portuguesa e italiana , com 110 ilustrações, por Vergilio Correia	80
Edição da «Renascença Portuguesa».	
Tapetes de Arrayollos , por D. Sebastião Pessanha — Um volume de 50 paginas, com numerosas gravuras e uma capa desenhada por Alberto Sousa	60

Pedidos á Administração